

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

ANNA BROGGI

A Educomunicação e suas Práticas
Um Estudo de Caso da ONG CISV

São Paulo
2019

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

ANNA BROGGI

A Educomunicação e suas Práticas

Um Estudo de Caso da ONG CISV

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de graduação em Licenciatura em Educomunicação, sob orientação da Profª Drª Cláudia Lago.

São Paulo

2019

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

ANNA BROGGI

**A Educomunicação e suas Práticas
Um Estudo de Caso da ONG CISV**

São Paulo, 15 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Cláudia Lago

Prof^a Dr^a Daniela Osvald Ramos

Prof^a Dr^a Luci Ferraz de Mello

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família. Aos meus pais, Carla e Claudio, por sempre estarem presentes e me incentivarem durante todo meu processo, tanto na graduação quanto no processo final com este trabalho de conclusão. E aos meus irmãos Nicholas e Enrico, por sempre estarem por perto.

Agradeço também ao curso de graduação de Licenciatura em Educomunicação, por me fazer enxergar o mundo com um novo olhar. À todos os professores, por todo conhecimento disponibilizado, em especial à Profª Cláudia Lago pela orientação deste trabalho. E aos colegas, pelos debates dentro e fora de sala, que foram essenciais para minha formação.

Ao Glorioso Handebol Ecano, no qual fiz amizades que fizeram destes seis anos na ECA-USP os melhores que poderiam ter sido. Em especial, às amigas que estiveram comigo desde o início: Anna Tie Galisi, Erica Rinaldelli, Francielly Hiromi, Karina Leticia Ferrara, Paula Braga e Veronica Grether.

Por fim, agradeço à instituição inspiradora deste trabalho, CISV, por estar presente em minha vida desde 2003, por me dar a oportunidade de conhecer o mundo e pessoas que mudaram a minha vida, meus melhores amigos: Caio Lameiro, Carolina Ricciardi, Christian Rojas, Diana Fan, Lea Pintimalle, Luiza Mauger e Luiz Guilherme Nickel. E todos meus delegados e programas que participei, que me fazem acreditar em uma educação transformadora.

"E SE ESTIVER TUDO ERRADO...?"

-MAFALDA, Quino

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar aspectos educomunicativos dentro de projeto desenvolvido na ONG CISV. Pretende-se constatar a Educomunicação em um espaço que, originalmente, não se relaciona a essa área. Com isso, foi feito um estudo de caso da ONG internacional CISV, que foi criada em 1951 pela psicóloga americana Doris Allen, pós-Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de proporcionar trocas interculturais e uma educação para a paz. Projetos desenvolvidos pela ONG no Brasil foram analisados como estudo de caso, para identificar os aspectos que se relacionam à Educomunicação.

Palavras-chave: Educomunicação, Organização não governamental, CISV, Projeto Educomunicativo.

ABSTRACT

This work aims to identify educommunication aspects within a project developed in the NGO CISV. The intention is to verify Educommunication in a space that, originally, does not relate to this area. This led to a case study of the international NGO CISV, which was created in 1951 by American psychologist Doris Allen, after World War II, with the goal of providing intercultural exchanges and education for peace. Projects developed by the NGO in Brazil were analyzed as a case study, to identify the aspects that relate to Educommunication.

Keywords: Educommunication, Non-governmental organization, CISV, Educommunication Project.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fluxograma 1 - Estruturas do CISV	p.27
Imagen 1 - Mapa de países membros do CISV	p.29
Imagen 2 - Modelo de Tuckman de estágio de desenvolvimento de grupos e seus respectivos tipos de atividade	p.30
Imagen 3 - Cronograma de planejamento de atividades	p.37
Imagen 4 - Cronograma de um dia e de um miniacampamento	p.38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Participantes do CISV de 2010 a 2017	p.34
Tabela 2 - Grupos de voluntários do CISV São Paulo e suas responsabilidades	p.39
Tabela 3 - Análise de resultados	p.52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDL	Comitê de Desenvolvimento e Liderança
C.F.E.	Comitê de Faixa Etária
CHA	Conhecimentos, Habilidades e Atitudes
CISV	<i>Children's International Summer Village</i>
G.P.	Grupo de Planejamento
IO	Escritório Internacional (<i>International Office</i>)
IPP	<i>International People's Project</i>
JC	Conselheiro Júnior (<i>Junior Counselor</i>)
LIC	Coordenador Local de <i>Interchange</i> (<i>Local Interchange Coordinator</i>)
LMO	Organização de pensamento semelhante (<i>Like-minded Organization</i>)
NA	Associação Nacional (<i>National Association</i>)
ONG	Organização Não Governamental
PDPEF	Formulário de Planejamento e Avaliação do Diretor do Programa (<i>Program Director's Planning and Evaluation Form</i>)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2. TEORIAS	14
3. A PESQUISA	22
2.1 O CISV	24
2.2 Observação de Campo	35
4. REFLEXÕES	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
BIBLIOGRAFIA	59
ANEXOS	62

1 INTRODUÇÃO

A escolha deste trabalho surge da junção de duas experiências de vida: em primeiro lugar, a vivência de anos em uma ONG, na qual participei como jovem, líder e comitê voluntário. O *Children's International Summer Village*, hoje conhecido apenas por sua sigla CISV foi, inclusive, minha porta de entrada para a Educomunicação. Foi o lugar que me fez acreditar que a educação não cabe dentro do formato tradicional que experimentei na escola onde estudei durante os 11 anos do ensino fundamental ao ensino médio e, por isso, decidi estudar esse novo campo da educação/comunicação.

Mesmo sendo esse meu estímulo para o engajamento na graduação de Licenciatura em Educomunicação, pouco era discutido sobre esse tema nas disciplinas. Apesar de poder perceber práticas similares entre a Educomunicação e o CISV, não foi possível encontrar um espaço para essa discussão até então, já que a maioria dos casos estudados voltava-se ou para projetos desenvolvidos no ambiente formal (escolas) ou para projetos de ONGs que se dedicam à educação junto à populações carentes, o que não é o caso do CISV.

A Educomunicação é uma área do conhecimento que ainda está em construção, sendo assim, até agora é pouco conhecida para indivíduos alheios à esfera da educação ou comunicação. Entende-se, então, que existe uma necessidade de ampliar o olhar científico para consolidar esse domínio, por isso pretende-se fazer um estudo que possa exemplificar suas atividades práticas, fora do âmbito escolar. Portanto, o objetivo principal deste estudo é analisar se a proposta de uma organização não governamental não tradicional em termos do que geralmente se pesquisa no campo da Educomunicação tem relação com seus princípios e práticas, podendo ser identificado como um projeto educomunicativo.

A proposta, então, de um estudo de caso de organização não governamental, vem da possibilidade de diversificação de locais de atuação da Educomunicação na comunidade, demonstrando que é preciso trabalhar com os conceitos comunicação/educação nos mais diversos setores da sociedade.

O propósito de analisar uma ONG internacional, já consolidada, convém para este estudo, uma vez que o que se está construindo é um novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes (BACCEGA, 2009). Apesar de ter sido pensado em 1951, o CISV é uma organização reconhecida pela ONU e já passou por diversas mudanças internas para se adaptar às necessidades atuais. Demonstrar a existência de programas que

convertam com a Educomunicação amplia as nossas perspectivas sobre o que já existe. Além disso, a ONG em questão trabalha com jovens de camadas privilegiadas da sociedade e estudá-las pode nos ajudar a refletir sobre a possibilidade de a Educomunicação atingir seus objetivos ao trabalhar com jovens privilegiados.

Este trabalho foi dividido em três partes. O primeiro capítulo (Teorias) traz uma reflexão sobre a Educomunicação, suas áreas de atuação e sobre as práticas presentes em projetos educomunicativos. Neste capítulo, discute-se alguns dos conceitos principais que norteiam o campo de intervenção. Em seguida, o segundo capítulo (A Pesquisa) apresenta a pesquisa propriamente dita, que foi estruturada com base em um roteiro proposto para os alunos da disciplina de Educomunicação na Sociedade Civil e que tem como objetivo estabelecer algumas diretrizes que devem estar presentes nas práticas educomunicativas. Neste capítulo também é sistematizada a descrição do trabalho da ONG CISV, bem como o estudo sobre o método do estudo de caso e é apresentada a imersão realizada no trabalho de campo, que acompanhou e descreveu 13 atividades desenvolvidas pela ONG em São Paulo, no período de setembro a dezembro de 2018. O terceiro capítulo (Reflexões) se dedica à análise dos dados coletados e, por fim, encerra-se com as Conclusões.

2 TEORIAS

A Educomunicação é explicada por Soares¹ como vinda da junção de dois campos tradicionais do conhecimento que, anteriormente, tinham seus espaços bem definidos e independentes, a Educação e a Comunicação, em que a Educação era responsável pela transmissão dos saberes clássicos, da lógica atemporal, e a comunicação pela difusão da informação, da atualidade. (SOARES, 2011, p.13).

Com o avanço das tecnologias da comunicação, a divulgação de conteúdos fica mais acessível, e por isso os alunos chegam às escolas "impregnados pela 'cultura midiática', sobretudo a televisiva, mas o fato é ignorado pela escola tradicional." (SOARES, 2003, p.7).

De acordo com Barbero, a educação hoje tem origem em uma nova ambientação, onde a dinâmica da comunicação é predominante:

Ela se concretiza com o surgimento de um ambiente educacional difuso e descentrado, no qual estamos imersos. Um ambiente de informação e de conhecimentos múltiplos, não centrados em relação ao sistema educativo que ainda nos rege e que tem muito claros seus dois centros: a escola e o livro. (BARBERO, 2011, p.126).

A Educomunicação é vista, então, como um caminho para aproximação entre escola e comunicação. A função dessa inter-relação, porém, não é apenas a introdução de tecnologias nas escolas, mas a construção de um novo vínculo pedagógico comunicativo, que une o contexto sociocultural da comunicação e a educação, criando assim um novo campo.

Em vista disso, a Educomunicação assume que a comunicação é também um lugar do saber, onde questões como mediação, edição, produção estão presentes e a visão crítica sobre esses assuntos "que permite pensar criticamente a realidade" como descreve Baccega (2011, p.33), podendo formar sujeitos críticos e conscientes de seu papel e sua classe social, que vão agir de forma transformadora na sociedade.

Ao estudar a comunicação, pode-se perceber que a realidade em que vivemos é um mundo mediado pelas mídias, e que os donos desses meios são quem decidem o que lemos, vemos e ouvimos, como descreve Baccega:

O mundo é editado, ou seja, ele é redesenhadno num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares, de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal, na cibercultura. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos. As instituições e pessoas desse trajeto selecionam o que vamos ouvir,

¹ Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, coordenador da implementação da graduação de Licenciatura em Educomunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

ver ou ler; fazem a montagem do mundo que conhecemos. (BACEGGA, 2011, p.38).

Ainda hoje, podemos comparar nossa produção e consumo de mídias ao proposto pelos pensadores da Escola de Frankfurt, o da Indústria Cultural, utilizada para manipulação de massas desde o nazismo na Alemanha. De acordo com Denis McQuail²:

A crítica marxista original presumia que uma imagem do mundo favorável à classe dominante ou ao sistema capitalista estava embebida nos textos midiáticos e que seria relativamente adquirida, sem crítica pelas audiências subordinadas. (MCQUAIL, 2003, p.311).

McQuail ainda destaca que não só os conteúdos de entretenimento carregam essa perspectiva hegemônica, também as notícias contribuem para a manutenção ideológica.

As notícias contribuem para esta tarefa de várias formas. Primeiro, por camuflarem aspectos da realidade - especialmente por ignorarem a natureza exploradora de sociedade de classes ou tornarem isso como natural. Segundo, as notícias produzem uma fragmentação de interesses, que enfraquece a solidariedade das classes subordinadas. Terceiro, impõem uma unidade imaginária de coerência - por exemplo, ao invocarem conceitos de comunidade, nação, opinião pública e consenso. (MCQUAIL, 2003, p.311).

Por isso, a Educomunicação tem como objetivo maior, a formação de cidadãos participativos, que sejam capazes de manifestar suas vivências a partir de seu universo cultural, como apresentado por Baccega, "sendo capazes de participar da produção de uma nova variável histórica". Ou como colocado por Soares:

(...) o novo campo, por sua natureza relacional, estrutura-se de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social. (SOARES, 2011, p.25).

Outro fator importante da comunicação que é incorporado nesse campo é uma nova forma de comunicação pedagógica, que não deve ter mais um caráter unidirecional que, de acordo com Paulo Freire,³ é a educação 'bancária', na qual "em lugar de comunicar-se, o educador faz 'comunicados' e depósitos, que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem" (FREIRE, 1987, p. 33). É importante que ao invés de haver uma 'transmissão' o educador precisa fazer uma 'mediação', transformando o jovem em co-construtor do conhecimento. (SOARES, 2003, p.9).

² Denis McQuail, teórico britânico da comunicação.

³ Patrono da educação brasileira.

Seguindo esse mesmo viés, Morin faz uma crítica ao sistema de ensino e sua forma de pensar fragmentada:

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartmentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada. (MORIN, 2015, p.16).

A escola, em sua visão, deve contribuir para a formação do cidadão, ou seja, "fornecer uma cultura que permita distinguir, contextualizar, globalizar os problemas multidimensionais, globais e fundamentais e dedicar-se a eles" (MORIN, 2015, p.102). Para que isso seja possível, fica como papel do docente ajudar os educandos a transformar a informação recebida, além das limitações da escola, em conhecimento (MORIN, 2015 p.47), fazendo uma mediação da cultura de mídia, necessária para compreender o 'espírito da época'. (MORIN, 2015, p.80).

Esse mediador, neste caso, tem como papel propor atividades que permitam o diálogo entre os alunos e entre alunos e professores, promover um processo de comunicação de igualdade, "no qual as ideias e opiniões são tratadas de forma igualitária quanto a sua relevância", como explicita Mello (2016, p.66). Assim, ao mesmo tempo que educa, o professor também é educado.

Neste mesmo trabalho, ao explicar a importância do psicólogo e pedagogo, John Dewey (1859-1952) para o desenvolvimento da Educomunicação, Mello destaca a relevância do papel do professor nesse contexto:

Porém ele destacou a importância do professor enquanto mediador, de forma que este último planejasse, propusesse, acompanhasse, orientasse e auxiliasse nas avaliações e deduções, sem impor suas próprias ideias, permitindo que seus educandos explorassem, refletissem, compreendessem e assimilassem o que estava sendo vivenciado em todo o processo de aprendizagem. (MELLO, 2016, p.47).

É importante colocar que, de acordo com Mello (2016, p.47), para que a experiência educativa seja atrativa, ela deve se remeter à vida real, ou seja, com foco no fortalecimento de valores de convivência, para que, com o diálogo reflexivo, o jovem possa reconhecer seu lugar de classe e possa agir e interagir para que haja uma transformação social consistente.

Neste novo cenário, nasce a figura do Educomunicador, uma pessoa que é responsável pela convergência das áreas da comunicação e da educação. Este profissional coloca em prática o reconhecimento do fato de que não só o professor possui o saber, mas serve como mediador

ou facilitador para a construção "de uma certa representação de mundo." (SOARES, 2003. p.11).

Com essas mudanças na estrutura, no papel do professor, o aluno passa a ter um protagonismo na produção de seu aprendizado, há uma abertura para o diálogo entre educador e educando, o que requer uma participação ativa dos jovens, valorizando a aprendizagem pelo fazer (SOARES, 2003, p.8). Para que esse protagonismo possa ser alcançado, o comprometimento dos jovens é essencial para o desenvolvimento das atividades. É necessário que estes assumam a responsabilidade de solucionar conflitos para uma boa convivência, não só no ambiente escolar, para que assim possam aprimorar competências que os formem como cidadãos ativos. Isso fica claro na constatação a seguir:

O protagonismo tem como um de seus principais objetivos exatamente a edificação da autonomia da criança e do jovem a partir de ações práticas reais, críticas e democráticas na comunidade da qual fazem parte, com a coparticipação de adultos que atuam como norteadores, apoiadores ou mesmo orientadores na solução de problemas mais específicos. (MELLO, 2016, p.56).

Para Soares, este novo campo se organiza a partir de áreas de intervenção, que reúnem as práticas e as pessoas que as exercem. Segundo o artigo de Metzker (2008, p.5), as áreas de intervenção podem ser identificadas como:

- A. **educação para a comunicação**, na qual há um movimento para compreensão da relação entre os polos do processo de comunicação (emissor e receptor), os impactos sociais dos meios de comunicação na sociedade, que podemos chamar de leitura crítica dos meios;
- B. **mediação tecnológica na educação**, compreendendo o uso das tecnologias da informação nos processos educativos, não apenas como meros instrumentos, mas como mediação para a melhora do trabalho dos professores, alunos e da comunidade;
- C. **gestão da comunicação no espaço educativo**, voltada para preparação e aplicação dos processos que se articulam no âmbito da comunicação/cultura/educação, criando ecossistemas comunicativos, podendo atuar tanto em sistemas de educação formais quanto não formais;
- D. **expressão comunicativa através da arte**, a área mais recente e pouco pesquisada, que diz respeito às atividades conduzidas por arte-educadores, nas quais há uma busca por garantir o espaço de fala, visibilidade e expressão dos sujeitos sociais, principalmente

através da arte, seja na dança, na música, nas histórias em quadrinhos, entre outras formas de expressão artística;

E. **reflexão epistemológica** em torno do novo campo, em especial sobre a inter-relação comunicação/educação, que necessita um aprofundamento teórico e prático.

O campo da Educomunicação, portanto, não se restringe apenas à escola, ele está presente, por exemplo, também no espaço da educação não formal, nas organizações não governamentais (ONG) e em outras da sociedade civil. As ONGs, a partir dos anos 90, passaram a ser mais que meros objetos de estudo e começaram a ser vistas como parceiras das Universidades com novas propostas de ensino e pesquisa, pois estas instituições tinham a capacidade de atuar na sociedade em seus respectivos âmbitos de atividade, como aponta Soares (2003, p.2).

O próprio campo da Educomunicação, por sua característica interdiscursiva e interdisciplinar, não pode ser conformado apenas nas fronteiras de projetos educativos formais. O próprio Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo, constatou na pesquisa que buscava saber como a inter-relação comunicação/educação estava em prática na esfera das relações sociais:

Detetou, então, que a questão da cidadania vem apresentando-se com o enlace de todas as experiências no campo, sejam experiências em desenvolvimento no espaço da educação formal (escola), sejam as mantidas pela sociedade civil no âmbito da educação não formal (centros de cultura, sindicatos, associações de moradores, etc). (SOARES, 2003, p.4).

De acordo com Fígaro em seu capítulo do livro Gestão da Comunicação, Terceiro Setor, Organizações Não Governamentais, Responsabilidade Social e Novas Formas de Cidadania, essas organizações são definidas da seguinte forma:

As organizações do Terceiro Setor definem-se como aquelas entidades civis instituídas juridicamente sem fins lucrativos e que atuam suprindo o papel que seria do Estado. Elas não são novidade. Inspiram-se em entidades filantrópicas, como Santas Casas, ou nas Associações Civis e Fundações. Mas na atualidade foram imbuídas de uma forte retórica que lhes permite disputar o lugar das tradicionais organizações que mobilizavam os diferentes setores sociais (sindicatos, associações femininas, movimento estudantil, movimento étnico, de jovens, negros, entre outros) e ainda concorrem aos recursos do Estado para efetuar seus projetos sociais. (FIGARO, 2006, p.62).

Como a própria criação das ONGs pode estar relacionada aos movimentos sociais, que buscam suprir ações nas quais o governo deveria agir, porém não é capaz de suprir, suas

propostas, em muitos casos, podem ser consideradas ações de protagonismo da sociedade civil. (FIGARO, 2006, p. 65).

E, se é verdade que muitas das atividades educomunicativas podem ser olhadas junto ao trabalho desenvolvido por ONGs dedicadas à educação, precisamos ter alguns parâmetros para pensar se este trabalho realmente se relaciona aos princípios educomunicativos. Assim, ao analisar um projeto educomunicativo, independente de sua origem, buscamos responder a algumas perguntas⁴: Há uma preocupação com o empoderamento dos sujeitos envolvidos?; Há participação? De quem, de que tipo?; Como ocorre a gestão dos conflitos?; Qual o lugar e a amplitude do diálogo?; Quais os agentes que interferem positivamente para criar um ambiente dialógico? De que forma?; Há protagonismo? De quem, de que tipo?; Como se dá a avaliação das atividades? Avaliam-se os resultados ou também os processos? A avaliação é coletiva? Quais os instrumentos? Quem são os envolvidos?; Como você define o ecossistema comunicativo deste espaço?

No que se refere à questão do empoderamento, de acordo com Mello:

O termo empoderamento passou a ser utilizado nos anos de 1970, em artigos sobre desenvolvimento sustentável, por acadêmicos das áreas de psicologia, sociologia, educação e pesquisas organizacionais. Está ligado a contextos que trabalham o desenvolvimento de soluções para situações de opressão *versus* oprimidos, controle e marginalização. (MELLO, 2016, p. 64).

O empoderamento, nesse sentido, não tem o objetivo de transformar oprimidos em opressores, mas trabalhar para uma situação mais igualitária e mostrar, principalmente, que todos os cidadãos têm direitos e responsabilidades junto à sua comunidade, todos os membros desta, portanto, devem trabalhar para atingir o bem comum (MELLO, 2016, p.63). Ao nos perguntarmos se há uma preocupação com o empoderamento dos sujeitos envolvidos, devemos olhar como se dá sua participação no projeto.

Quanto à participação, por sua vez, pode ocorrer em níveis diferentes e, por isso, devemos observar quem está de fato participando e qual seu grau de envolvimento, além das ferramentas e estratégias para promover/garantir a participação utilizadas.

Para Silva Filho (2004, p.146), há uma participação ativa quando o jovem atua em todo processo, desde a concepção até a execução, também se beneficiando dos resultados alcançados

⁴Estas questões estão explicitadas no Roteiro para avaliar projetos a partir dos princípios educomunicativos, desenvolvido em 2016, pelos professores Ismar Soares e Cláudia Lago no âmbito da Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP, inicialmente para a disciplina Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos e que, posteriormente, passou a ser trabalhado na disciplina Educomunicação nas Organizações da Sociedade Civil. Este Roteiro guiou o olhar analítico desta pesquisa e será apresentado em capítulo posterior.

e uma participação construtiva ocorre quando ela propicia o desenvolvimento da pessoa e de seu entorno.

A participação do jovem entra também na gestão dos conflitos, isso tanto o faz refletir, identificar e buscar soluções para problemas que surjam em sua comunidade, como a própria dinâmica de perceber e gerir conflitos desenvolve a autonomia nos jovens. (MELLO, 2016, p. 49).

Só é possível atingir uma resolução quando há uma grande amplitude no diálogo relação mediador/mediado, Mello explicita isso em:

(...) o processo dialógico consiste em um encontro direto entre indivíduos que procuram pensar juntos temas diversos, inclusive a resolução de problemas, durante o qual esses participantes não buscam vencer uns aos outros, mas encontrar soluções conjuntas com as quais todos vençam (...) (MELLO, 2016, p.70).

Sendo assim, é preciso entender que pensar juntos para atingir uma solução, não é a mesma coisa que pensar igual. Deve-se atentar para que não haja uma limitação das pessoas em ouvintes para atingir uma conclusão rapidamente, surgindo, por vezes uma imposição de propostas mais fortes. Um diálogo pleno quando o grupo pensa, reflete e age conjuntamente (MELLO, 2016, p.71). Essa amplitude dialógica permite que o jovem haja como protagonista.

Na Educomunicação, quando há um projeto que busca o protagonismo, seja ele um jovem, um adulto ou mesmo uma instituição ou movimento, há uma perspectiva de transformação do destinatário que recebe ou é tocado pela ação, ele próprio se torna ator principal dessa mesma ação (SILVA FILHO, 2004, p.145). Portanto, planejar um projeto com práticas de premissas protagonistas deve envolvê-lo de fato. (MELLO, 2016, p. 53).

A avaliação, por sua vez, tem caráter de extrema importância durante todo o projeto, uma vez que, para a Educomunicação, ela tem um caráter formativo, ou seja, está pautada no processo de desenvolvimento do jovem em questão.

De acordo com Mello:

A avaliação enquanto instrumento de auxílio para a construção da aprendizagem, com base na definição coletiva, objetiva e detalhada dos critérios de avaliação por todos os educadores envolvidos, torna o processo menos subjetivo, anulando o aspecto de poder que a avaliação apresenta. Outro aspecto que acaba sendo trabalhado é o desempenho dos próprios educadores com os estudantes, posto que a maior integração, principalmente entre esses participantes do processo, permite que eles se ajudem uns aos outros na definição e planejamento dos critérios e atividades, o que acaba elevando o desempenho de muitos deles. (MELLO, 2016, p.110).

Estas ações e conceitos se dão, segundo Soares (2011), dentro do que identifica como “ecossistema comunicativo”, ou seja, o espaço em que se organizam as ações educativas. Segundo Soares:

Ecossistema educacional designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. (SOARES, 2011, p.26).

Para Salvatierra, que pensa a relação entre os termos na forma como são propostos por Jesús Martin-Barbero e Ismar Soares, o ecossistema comunicativo aponta para uma nova prática educativa:

O desafio que a discussão e o termo ecossistema comunicacional coloca para a educação não se resume apenas à apropriação de um conjunto de dispositivos tecnológicos, mas à emergência de outra cultura – cultura vista e entendida como produção de sentidos, como práticas. A discussão abrange outros modos de ver, de ler, de perceber e principalmente de representar. (SALVATIERRA, 2007, p.4).

É importante observar que "Não existe, pois, apenas um modelo de ecossistema comunicativo, mas diversos, segundo os graus de interatividade presentes nos processos de trocas simbólicas" (SOARES, 2002, p.20). Soares refere-se à qualidade desses ecossistemas que, para serem verdadeiramente educomunicativos, devem ser abertos, dialógicos e democráticos⁵. Para responder à pergunta, de como se define o ecossistema comunicativo do projeto, procuramos observar a qualidade das relações dos envolvidos, o grau de participação, se há ou não protagonismo, a presença do diálogo na resolução dos conflitos, ou seja, as forças comunicacionais, desde os agentes em processo de troca envolvidos, até as formas de interação, as metodologias e os conteúdos propostos nas atividades.

⁵ Cláudia Lago, em atividade de orientação, aventou a possibilidade de refinarmos o conceito, adotando a perspectiva de ecossistema comunicativo a partir da lógica de Jesús Martin-Barbero, ou seja, aquele a que todos estamos submetidos em função da centralidade da comunicação nas sociedades contemporâneas, e especificar um ecossistema educomunicativo que, por princípio, já seria dialógico, participativo e democrático.

2 A PESQUISA

A pesquisa deste trabalho foi baseada no Roteiro⁶ pensado e aplicado pelos professores Ismar Soares e Cláudia Lago na Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP, inicialmente na disciplina Gestão da Comunicação em Espaços Educativos e, posteriormente, na disciplina Educomunicação nas Organizações da Sociedade Civil – como guia para que estudantes identifiquem práticas educomunicativas em organizações da sociedade, uma vez que o próprio campo da Educomunicação surge da *práxis*. Esta ferramenta propõe inicialmente um levantamento detalhado, descritivo, da ONG observada, para depois realizar um diagnóstico das relações, tentando responder as perguntas já indicadas no capítulo anterior.

No início foi feito um levantamento bibliográfico sobre a Educomunicação e o objeto, a ONG analisada, o *Children's International Summer Villages* (CISV), seguida de uma pesquisa de campo junto à ONG, com participação intensa, desde a preparação das atividades, como observação das mesmas. Quando não foi possível estar presente para a observação, foi enviado um questionário para os mediadores responsáveis pelas atividades⁷. Após a observação e descrição da parte de campo, foi feita uma comparação entre os parâmetros levantados sobre as características de um projeto educomunicativo e o objeto estudado, em um estudo de caso.

O estudo de caso, como modalidade de pesquisa, tem sua origem em pesquisas antropológicas, mas "seu uso foi ampliado para o estudo de eventos, processos, organizações, grupos, comunidades, etc" (VENTURA, 2007, p. 384). Esta metodologia pode ter abordagens tanto qualitativas como quantitativas, nas áreas de ciências humanas e sociais é um dos principais modelos de pesquisa qualitativa. (VENTURA, 2007, p. 384).

Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. (VENTURA, 2007, p. 384).

O estudo de caso pode ser classificado como intrínseco ou particular; instrumental; ou coletivo, de acordo com seu objetivo final (VENTURA 2007, p.384). No caso da presente pesquisa, trata-se de um estudo instrumental, pois apesar de estudar um caso específico de uma ONG internacional que é voltada para jovens de classes sociais altas, pode servir como instrumento para pesquisas posteriores, uma vez que objetos de pesquisa como este na área são incomuns.

⁶ Anexo 1.

⁷ Anexo 2.

Parte importante do estudo de caso é o trabalho de campo, a observação do objeto e a coleta dos dados que serão posteriormente analisados. Sendo assim:

A observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida. (GIL, 2008, p. 100).

Ao mesmo tempo, a observação pode causar alterações no modo de agir do observado, e por isso deve ser também levado em consideração durante a pesquisa, de acordo com Gil. "Por essa razão é que a observação enquanto técnica de pesquisa pode adotar modalidades diversas, sobretudo em função dos meios utilizados e do grau de participação do pesquisador" (GIL, 2008, p.101). Posto isto, o autor classifica a observação em três tipos: simples, participante (ou ativa) e sistemática.

No primeiro tipo, o pesquisador está mais distante do grupo ou situação que deseja estudar, sendo mais um espectador do que ator. O segundo tipo consiste na participação real do observador; este assume um papel de membro do grupo, o que pode ocorrer de forma natural, quando o pesquisador já faz parte da comunidade observada, ou artificial, quando integra-se apenas para o fim da pesquisa. Por fim, a observação sistemática é mais comumente utilizada quando há a necessidade de descrever precisamente fenômenos ou testes de hipóteses, "nestas últimas, a observação pode chegar a certos níveis de controle que permitem defini-la como procedimento quase experimental." (GIL, 2008, p.104).

A observação utilizada para este trabalho de campo foi a observação participativa, pelos seguintes motivos: em primeiro lugar, porque a autora é voluntária e faz parte da organização estudada há 15 anos e, por isso, seria impossível abster sua participação no processo frente o estudo do caso. Com isso, como sugerido por Lago (2018, p.61), assume-se que não há uma neutralidade em relação ao objeto escolhido e que sua visão tem limites subjetivos, mas ao mesmo tempo ultrapassa os limites do observado *in loco*, uma vez que conhece profundamente os processos de participação e elaboração das atividades.

Esta, portanto, em vez de ser apreendida enquanto uma complicadora, pode ser percebida, então, como característica facilitadora, na medida em que fornece um mapa de relevâncias imediato. O que não exime o pesquisador de refleti-la e introduzir essas reflexões em seu trabalho. (LAGO, 2018, p. 62).

A vivência junto ao CISV durante o período pode ter naturalizado a percepção das práticas e ações. No entanto, a vivência na Licenciatura em Educomunicação, propiciou uma

bagagem crítica para pensar o espaço, que espera-se ter sido alcançado na produção deste trabalho.

2.1 O CISV

O CISV⁸ é uma organização internacional que tem o foco na Educação para Paz, cooperação e compreensão intercultural, através de atividades locais, acampamentos nacionais e internacionais, programas de hospedagem familiar e ações em comunidades locais.

A organização foi desenvolvida, inicialmente em 1940, pela psicóloga americana Doris Allen que idealizava uma organização que promoveria compreensão intercultural e amizade global como primeiro passo para a paz mundial. Para ela, criar oportunidades para crianças de diferentes culturas se unirem para aprender e fazer amigos, é essencial para criação da paz em um mundo que havia visto muita guerra. Em 1950, a entidade foi então registrada como corporação sem fins lucrativos, em Ohio, nos Estados Unidos.

O primeiro programa ocorreu em Cincinnati, também nos Estados Unidos, e reuniu jovens do país sede, da Áustria, Grã-Bretanha, Dinamarca, França, Alemanha, México, Noruega e Suécia. Na época, o nome para o programa era chamado *Children's International Summer Village*, origem do nome da organização mas, atualmente, não se reconhece mais como uma sigla C.I.S.V., por não se resumir apenas a acampamentos de verão internacionais, apesar de perder o nome em homenagem à sua origem.

Atualmente, a organização está presente em mais de 70 países e promove, além do *Village*, outros sete programas educacionais: *Youth Meeting, Interchange, Step Up, Junior Counsellor, Seminar, International People's Project e Mosaic*, cada um com propósitos educacionais adaptados a diferentes faixas etárias, de modo a dar continuidade à sua proposta educacional e filosofia.

O CISV tem como propósito educacional ou declaração de missão, o seguinte mote: "O CISV educa e inspira ações para um mundo mais justo e pacífico" (CISV, 2009, p.8). Essa missão é desenvolvida ao longo de todas as suas atividades e programas, uma vez que têm foco na Educação para Paz, de forma que motivam seus participantes a serem cidadãos globais participativos.

⁸ <http://www.cisv-sp.org.br/sobre-o-cisv/quem-somos>

Na visão do CISV, a Educação para Paz leva em consideração as esferas locais e globais relevantes para todos os países e reconhece que a paz não é apenas a ausência de guerra. Para isso, a organização acredita que é preciso compreender: a própria identidade em relação à comunidade local e global; os direitos humanos, assim como formas de exploração e injustiça; conflitos, e como podem ser causados, prevenidos e resolvidos; soluções sustentáveis para questões ambientais e de desenvolvimento (CISV, 2009, p. 6). Para que isso seja possível, vale-se da oportunidade de conhecer outras culturas, por acreditar que isto amplia a perspectiva sobre os próprios valores e atitudes, bem como a percepção do "eu" e do "outro". (CISV, 2009, p.7).

Outras questões contidas dentro de Educação para Paz, de acordo com o CISV, são adaptadas do '*Compass*' - Um Manual para a Educação em Direitos Humanos com Jovens (Conselho Europeu, 2002). São elas: Educação para o Desenvolvimento, cujo ênfase são os direitos humanos, que explora as diferenças entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, aumenta a compreensão das forças econômicas, sociais, políticas e ambientais que moldam a sociedade e desenvolve as habilidades, atitudes e valores que permitem que as pessoas trabalhem em conjunto para agir sobre a mudança e assumir o controle; Cidadania Global, que tende a se concentrar na identidade do indivíduo e em seu lugar dentro da comunidade local e do mundo, esse foco pode ser expandido para incluir questões relacionadas aos direitos humanos e suas violações e incentiva as pessoas a avaliarem o impacto de suas próprias ações; e Educação Intercultural, que olha para a maneira como interagimos com outras culturas, sociedades, grupos sociais e minorias, com foco em aumentar a consciência da desigualdade, injustiça, racismo, estereótipos e preconceitos e fornecer conhecimento e habilidades para desafiar essas questões na sociedade. (CISV, 2018, p.10)⁹.

Além disso, o CISV tem quatro princípios educacionais que formam a ligação entre o propósito e o foco na Educação para Paz, são eles: apreciar as semelhanças entre as pessoas e valorizar suas diferenças; apoiar a justiça social e a igualdade de oportunidades para todos; encorajar a resolução de conflitos através de meios pacíficos; apoiar a criação de soluções sustentáveis para problemas relacionados ao impacto uns sobre os outros e sobre o meio ambiente. (CISV, 2018, p.13)¹⁰.

Esses princípios também moldam as quatro principais áreas do conteúdo desenvolvido dentro dos programas: Diversidade, onde se explora a identidade do indivíduo e o leva a questionar sua postura tanto dentro das próprias comunidades como na comunidade global;

⁹ Tradução livre.

¹⁰ Tradução livre.

Direitos Humanos, que considera como os direitos humanos afetam cada aspecto da vida e como as violações desses se encontram na raiz de problemas como a pobreza, a violência e a ilegalidade; Conflitos e Resoluções, que ajuda a entender como os conflitos podem surgir deliberadamente ou de outra forma, e o que pode ser feito para alcançar resoluções pacíficas; e Desenvolvimento Sustentável, que busca métodos integrados para promover o bem-estar social, econômico, enquanto protege o meio ambiente através do uso responsável dos recursos naturais. (CISV, 2009, p.16). Cada ano há uma principal, que é tema de todos os programas e terá o maior foco, tanto na preparação como no seu desenrolar.

As atividades e discussões nos Programas do CISV podem se relacionar a uma destas áreas, ou uma combinação de duas, três ou todas as quatro. Isto permite que quem planeja o Programa tenha a flexibilidade necessária para garantir que as questões tratadas são interessantes e relevantes a todo o grupo e que vão de encontro aos nossos objetivos educacionais. (CISV, 2009, p. 19).

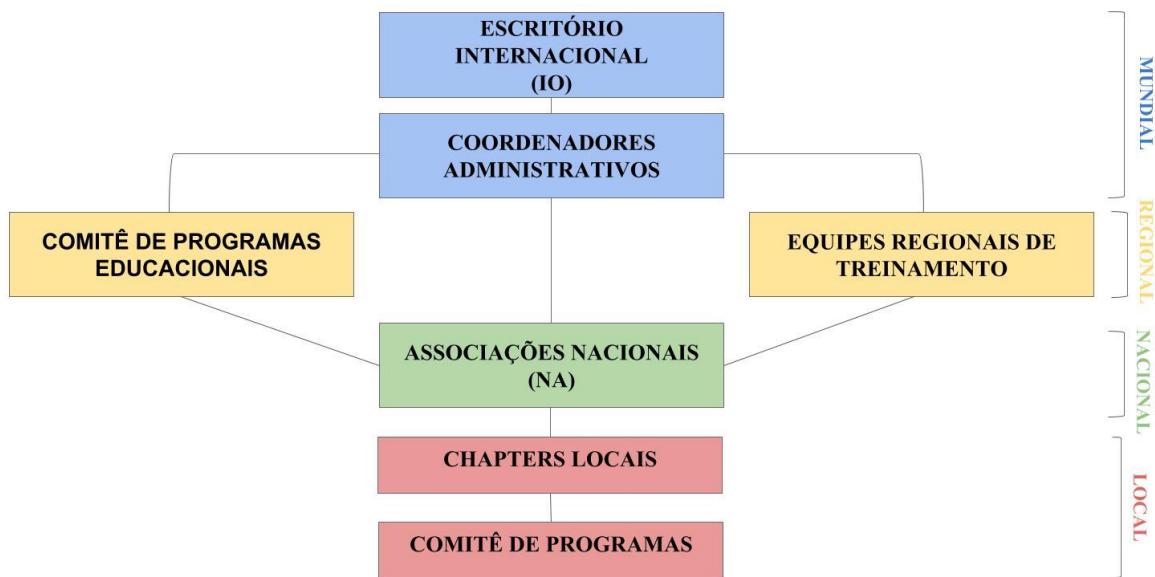
Para que os propósitos educacionais sejam alcançados, cada programa (*Village, Youth Meeting, Interchange, Step Up, Junior Counsellor, Seminar, International People's Project e Mosaic*) tem quatro objetivos, adequados para sua respectiva faixa etária de trabalho, e quatro indicadores cada. Todo indicador pode ser identificado como: a) Conhecimento (informações que se adquire através de aprendizados ou experiências); b) Habilidade (por exemplo, de comunicação, liderança, autoconhecimento); ou c) Atitude (pensamento e comportamento de um cidadão global participativo), formando a identificação CHA.

Ter o 'CHA' explicitamente identificado nas metas garante que esses elementos-chave da cidadania global participativa estejam incorporados em nossos programas. (CISV, 2018, p. 19).¹¹

A forma de atingir esses objetivos, na proposta do CISV, é através de atividades lúdicas, nas quais se pratica o "aprender fazendo", também conhecido como aprendizado pela experiência. Essa abordagem é dividida em quatro passos: 1) o fazer, participar, vivenciar a atividade, ter uma experiência concreta; 2) refletir, pensar sobre o que viram, sentiram e fizeram durante a atividade, considerando a motivação por trás de cada comportamento e o que eles queriam alcançar com isso; 3) generalizar, ampliar para outras situações, sendo elas para convivência da comunidade do programa ou para o mundo real; e 4) aplicar, o que seria incorporar suas novas atitudes, conhecimentos e habilidades em seu comportamento diário. (CISV, 2009, p.22).

¹¹ Tradução livre.

As estruturas do CISV funcionam de acordo com o Fluxograma 1¹² a seguir:



Para o CISV *International*, os mais envolvidos com os programas são o Comitê de Programas Educacionais, as Equipes Regionais de Treinamento e os Coordenadores Administrativos. O Comitê de Programas trabalha com políticas, estratégias e avaliação dos programas como um todo. As Equipes Regionais de Treinamento, fornecem treinamento e aconselhamento para as Associações Nacionais (NA), *Chapters Locais*, *staff* do programa ou Coordenador de *Interchange Local* (LIC), apoiando-os para hospedar e participar de programas.

O IO é responsável por centralizar a administração (convites, documentos, relatórios etc.) de todos os programas internacionais do CISV. Isto é tratado pelos coordenadores administrativos. O IO se comunica com NAs através do Secretário Nacional. Todas as correspondências (em papel ou eletrônicas) são enviadas para o Secretário Nacional, que então distribui o material para as pessoas apropriadas dentro da Associação do CISV.

Toda NA do CISV deve ter um coordenador/comitê nacional de programa, idealmente com membros de todos os *Chapters*. O tamanho desse comitê depende da situação individual da NA, pois cada um é estruturado de forma diferente. Algumas NAs têm um *Chapter* local; outras têm vários. Assim, em algumas NAs, os níveis local e nacional serão os mesmos; em outros, eles serão separados. Cabe às NAs ou *Chapters* Locais se organizarem para gerenciar o trabalho de hospedagem, incluindo: lidar com convites para programas dentro e fora de sua NA

¹² Fonte: Da autora.

e envolvendo participantes de seus programas; lidar com a correspondência do CISV relacionada a todos os programas; lidar com taxas internacionais; organizar e financiar programas. A Associação Nacional organiza formalmente o programa, mas na maioria dos casos isso é delegado ao *Chapter* e ao coordenador/comitê do programa local. Esse comitê deve se reportar ao conselho nacional.

Além disso, fica como responsabilidade do comitê local: promover o programa específico, nacional e localmente; recrutar e selecionar participantes; ajudar no recrutamento de pessoal; treinar os *staffs* locais ou providenciar para que participem de fóruns regionais de treinamento; ajudar a preparar e fornecer suporte para programas; avaliar programas realizados nacionalmente e manter contato administrativo e dar feedback para o IO e Regional.

No Brasil, assim como em outros países com uma grande desigualdade social, o CISV alcança apenas camadas abastadas da sociedade, devido às taxas de participação de programas. Em São Paulo, a anuidade é de R\$300,00 por família (duas pessoas ou mais). Os custos por atividades ao longo do semestre variam em torno de R\$1000,00, mais as taxas de participação de programas, que variam de acordo com o destino e programa, fora os custos extras de viagem como passagem e dinheiro de segurança, que devem cobrir também os adultos voluntários que assumem a delegação como líderes.

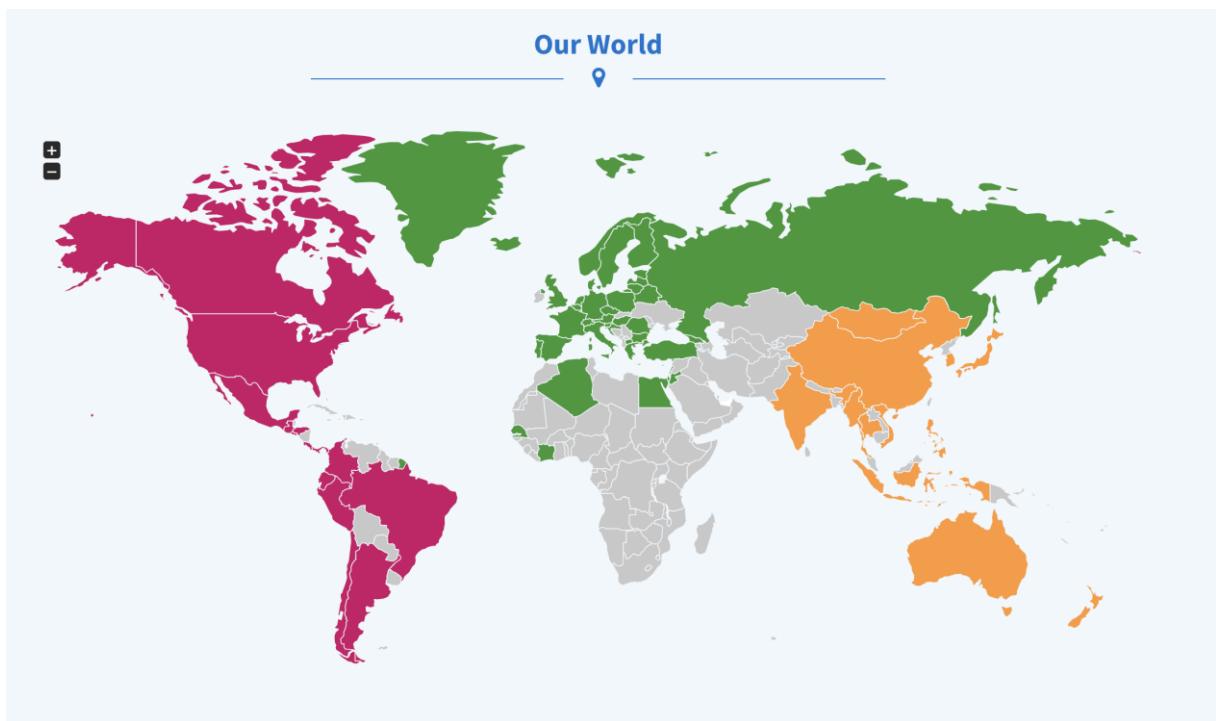
Para Rannveig Aulie Sørum, em sua tese de Mestrado para a Universidade de Tromsø, Noruega, a realidade econômica mundial é a grande culpada pela falta de mais países pobres participando dos programas:

Exceto nas partes do norte da Europa e da América do Norte, a maioria dos membros do CISV consiste na classe alta econômica. A realidade capitalista é que essas nações são muito ricas ou extremamente pobres, com basicamente nenhuma classe média. A enorme diferença entre ricos e pobres torna as atividades do CISV disponíveis apenas para a classe alta insanamente rica das nações pobres. O potencial educacional de nossos programas é severamente limitado pela falta de representação econômica no CISV. (SØRUM, 2011, p 55).¹³

Pode se perceber isso pelo mapa divulgado pela organização sobre os países nos quais está presente, com atuação maior em países de primeiro mundo, como demonstra o mapa abaixo, no qual as cores representam as regiões de atuação, sendo em rosa Américas, em verde Europa, Oriente Médio e África e, em amarelo, Ásia-Pacífico (Imagem 1)¹⁴:

¹³ Tradução livre.

¹⁴ Fonte: <https://cisv.org/our-world/>



O CISV oferece sete tipos de programas durante as férias escolares ou feriados prolongados, que incluem todas as faixas etárias a partir dos 11 anos. Esta faixa etária foi a inicialmente escolhida pela fundadora Doris Allen, por já demonstrar maior autonomia e, em sua concepção, sem ter desenvolvido nenhum tipo de preconceito com outros povos, etnias e costumes, o que permite a aproximação entre culturas diferentes.

O primeiro programa e origem do nome da organização, é o *Village*. O formato é de acampamento e a duração é de 28 dias para o internacional e de 15 dias para o nacional. O acampamento é coordenado por um diretor e um *staff* local (adulto), e apoiado por uma equipe local e/ou internacional de JCs (*Junior Counselors* ou Conselheiros Juniores) com 16 ou 17 anos de idade. Cada acampamento atende até 48 crianças de 11 anos, divididos por delegações de seus respectivos países, idealmente com 2 meninas e 2 meninos acompanhados de um líder.

No *Village*, quem planeja e aplica as atividades é o chamado grupo de líderes: os líderes, *staffs* e JCs, preferencialmente em grupos de planejamento misturados de acordo com a experiência de cada papel. Estes são responsáveis por preparar, delegar os papéis para o grupo de adultos, explicar a atividade e mediar as discussões.

Como este programa é o primeiro e as crianças são menores, a formação de um ambiente seguro onde elas se sintam à vontade para compartilhar suas experiências é fundamental, por isso segue-se uma ordem de tipos de atividades. Começando por conhecer os outros, seguido

de atividades de formação de grupo, atividades de confiança e, por fim, simulações mais reais, seguindo o modelo de Tuckman, como sugere a Imagem 2 a seguir¹⁵:

		CONFRONTAÇÃO	ATUAÇÃO	DISSOLUÇÃO
FORMAÇÃO	NORMATIZAÇÃO	Jogos de cooperação e jogos de Comunicação: que ajudem a formar o trabalho em grupo	Jogos de confiança e simulações: que ajudem a conhecer o outro em um nível mais profundo, atividades que exploram questões de interesse maior, que afetam a todos. (Ex: meio ambiente, direitos humanos, diversidade)	Atividades de reflexão sobre a experiência no CISV, que encorajem a levar sua vivência para seu dia-a-dia

Por ser um programa de introdução à Educação para Paz, todos os quatro pilares aparecem com a mesma frequência para o início da construção do cidadão global participativo. Em Anexo 3 estão as Metas e Indicadores deste e dos demais programas do CISV.

O *Youth Meeting*, que se iniciou em 1969, também tem formato de acampamento, coordenado por um diretor e um grupo de *staff* local, este programa pode ser feito por crianças e jovens de várias faixas etárias e tem duração mais curta, variando entre 8 ou 15 dias. Cada acampamento é direcionado para as faixas etárias 12-13, 14-15 ou 16-18, e têm maior profundidade dos debates e escolha dos temas adaptados para cada uma delas. A constituição desse acampamento é de aproximadamente 6 delegações que variam de 6 a 10 jovens; para os menores de 16 anos com um líder. Já os jovens entre 16 e 18 anos já fazem sua participação mais independentes, sem a presença de um adulto na delegação, ainda porém com a mediação dos *staffs*.

O tema é apresentado antes do início do programa e sempre se relaciona à área educacional do ano. Este é o assunto sobre o qual atividades e debates vão girar em torno para que, no fim, os jovens desenvolvam um projeto relacionado à proposta do acampamento. Já no *Youth Meeting*, quem planeja e aplica as atividades são os jovens com a ajuda de um líder, no 12-13 e no 14-15, que por sua vez é apenas um mediador.

¹⁵ Modelo de Tuckman com a interpretação do CISV e a implementação de suas atividades, retirado de “*Development Sequence in Small Groups*” (1965).

O programa *Interchange* surge em 1961 e estimula um encontro mais profundo entre duas culturas e coloca os jovens participantes no cotidiano das famílias. Não há acampamento e, sim, convivência em casa.

Neste programa, as famílias e as comunidades locais ficam diretamente envolvidas e são convidadas a participar e promover atividades para todo o grupo. São duas fases nas quais primeiro um dos países visita, e o outro recebe; depois a situação se inverte e quem recebeu, passa a ser o visitante, com apenas dois países participantes. Cada delegação tem de 6 a 12 jovens, com um ou dois líderes para as delegações maiores de 8 participantes que podem ter 12-13, 13-14 ou 14-15 anos. A divisão é feita através de um pareamento no qual cada delegado ganha um irmão ou uma irmã que hospedará e por quem será hospedado durante cada fase do programa.

A principal atividade deste programa é de fato viver uma cultura diferente. As atividades em grupo visam, por isso, principalmente, conhecer e se familiarizar com o local. Pais dos participantes e outros voluntários do CISV se engajam para criar atividades junto com os jovens.

Já o *Step Up*, que passa a integrar a organização em 1985, tem uma estrutura muito parecida com a do *Village*, tanto no formato de acampamento de 21 dias, com 6 a 9 países diferentes e coordenado por um *staff* local, quanto na formação da delegação (2 meninos e 2 meninas, acompanhados de um líder). O que muda são as atividades desenvolvidas, que priorizam a vontade do jovem, estimulando sua autonomia e sua capacidade de interação e negociação, uma vez que este programa é apenas para jovens de 14 ou 15 anos.

Neste acampamento, os jovens são encorajados a se apropriarem do acampamento, desde decidir qual será o cronograma até as atividades, sempre levando em conta o tema do acampamento, definido pelo *staff* local. Os grupos de planejamento também são assistidos por um líder ou *staff*, cujo papel é de facilitar o grupo, promovendo a participação de todos nas tomadas de decisões.

Também como delegação, é preciso desenvolver uma atividade cultural sobre seu país, assim, à medida que vão se preparando para apresentá-lo para os outros, aprendem sobre si mesmos e sua cultura.

O *staff* fica também responsável por organizar um Dia de Impacto Local, no qual o acampamento visita uma "*Like-minded Organization*" (LMO), ou organização de pensamento

semelhante, para trabalhar em um projeto que tem relação com o tema do CISV, bem como afeta diretamente a comunidade anfitriã.

Já o *Seminar Camp*, que surge em 1959, é voltado para jovens no final da adolescência e é programado e planejado pelos próprios participantes de 17 ou 18 anos, com apoio do *staff*, que pode ser local ou internacional. Ou seja, do tema debatido, à forma como se desenvolvem as discussões, dependerá da proposição e negociação dentro do próprio grupo.

Os jovens podem tratar de questões individuais ou coletivas, de caráter nacional ou internacional e que envolvam culturas diferentes, sempre com uma estrutura de trabalho que enfatize a solução pacífica de conflitos. É o programa indicado para estimular o interesse dos jovens por questões da atualidade global e para desenvolver o senso mais amplo da responsabilidade individual dentro das respectivas sociedades em que vivem.

Formado por vinte a trinta participantes, de diferentes países, podendo haver mais de um participante de um mesmo país, mas sem haver uma delegação, cada um é responsável por si e por representar sua cultura.

Fica como responsabilidade do *staff*, além de organizar estruturalmente o programa, a preparação de uma atividade com uma LMO, podendo ser ela visitando a organização ou recebendo-a no acampamento. O objetivo principal da atividade com a LMO é que os participantes descubram, aprendam e entendam o trabalho de outra organização envolvida em trabalho semelhante ou relacionado ao CISV. Estimulando o interesse dos jovens de trabalhar pela mesma organização ou por uma organização similar, a fim de aplicar as atitudes, habilidades e conhecimentos adquiridos e tornar-se um cidadão global participativo.

No *International People's Project* (IPP), o CISV age juntamente com organizações locais para que os participantes do programa participem ativamente de trabalhos já existentes ou de um projeto novo e pontual, desenvolvido especialmente para esta parceria.

A duração do projeto é de 21 dias, com cerca de 25 participantes de 19 anos ou mais, de diferentes países que se aplicam para o programa de acordo com suas preferências, experiências ou identificação com o projeto proposto pelo *staff*.

O projeto é desenvolvido com uma ONG que desenvolve trabalhos com os mesmos conteúdos educacionais do CISV, seja ele diversidade, direitos humanos, resolução de conflitos ou desenvolvimento sustentável.

O *Mosaic*, diferente dos outros programas, não tem um formato predefinido, entretanto, o objetivo de promover e facilitar a conexão entre as pessoas permanece. Neste caso, os

envolvidos são os participantes engajados no projeto, como pessoas da comunidade local, que está diretamente relacionado às necessidades e interesses daquela determinada comunidade. A meta é desenvolver uma experiência de aprendizado para os participantes e oferecer benefícios para a comunidade visitada.

O CISV, como organização educacional, tem um grande foco em avaliação para garantir que seus objetivos sejam de fato alcançados, tanto em qualidade como em quantidade. Por isso, há duas partes nesse processo da avaliação: Monitoramento, onde se coleta as informações durante os programas, e Análise, quando se coloca as evidências em conjunto para procurar tendências, padrões e resultados, para fazer um diagnóstico. (CISV, 2018, p. 46).¹⁶

"Ao adotar uma abordagem de metas, os comitês de programas identificam o CHA de maior importância para ser desenvolvido por seus participantes. Com isso é possível estruturar o programa e planejar atividades para que alcancem esses objetivos." (CISV, 2018, p.46).¹⁷

O planejamento e a avaliação estão diretamente conectados, inclusive no nome do formulário de avaliação: Formulário de Planejamento e Avaliação do Diretor do Programa (PDPEF). Dessa forma, exige-se que o planejamento de atividades esteja vinculado a metas educacionais e ao monitoramento do progresso a ser realizado durante todo o programa, sendo a avaliação um processo contínuo.

A avaliação, portanto, fornece informações importantes de *feedback* tanto para a própria organização, podendo mudar e adaptar treinamentos, melhorar a qualidade do programa, bem como provar para outros públicos, como doadores, patrocinadores, administradores, *staff*, entre outras organizações relevantes, como os objetivos educacionais estão sendo alcançados. (CISV, 2009, p.26).

Além disso, os "Annuals Reviews" podem analisar quantitativamente o alcance do CISV. A tabela 1¹⁸ a seguir, demonstra o aumento de participantes ao longo dos últimos anos.

¹⁶ Tradução livre.

¹⁷ Tradução livre.

¹⁸ Tabela 1 compilada pela autora através da revisão dos documentos "Annual Review" de 2010-2017.

ANO	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
NÚMERO DE PROGRAMAS INTERNACIONAIS	221	228	223	235	231	243	263	266
NÚMERO DE PARTICIPANTES	8638	8939	8868	9336	8555	9359	9995	10091
NÚMERO DE MOSAIC	48	57	45	51	50	50	64	49
PARTICIPANTES DE MOSAIC	3360*	3700*	2967	3801	7713	4204	5400	4971
TOTAL DE PESSOAS	11998*	12639*	11835	13137	16268	13563	15395	15062

*números aproximados

O CISV, como organização bem difundida, tem seu próprio site internacional (<https://cisv.org/>), onde é possível encontrar explicações básicas da ONG, de seus programas, como se voluntariar e uma biblioteca que abrange desde documentos necessários para participação em programas, como publicações e atividades. Cada NA pode ter ou não seu próprio site, assim como os *chapters* locais também podem ter sites próprios.

Também é possível encontrá-la nas redes sociais como *Facebook* e *Instagram*. Além de ter sua própria rede de conexões, o *My CISV* (<https://mycisv.cisv.org/mycisv/>), onde se juntam e participam de comunidades dos programas nos quais participaram, e uma rede de conexão para *alumni* (<https://alumni.cisv.international/alumni-community/>).

Para mais, o CISV tem o projeto Kompaz, uma parceria entre CISV Colombia e CISV Noruega, financiado por FK Noruega, dedicado a criar conteúdo educacional, livros, vídeos e atividades com relação ao tema do ano discutido pela organização, gerando materiais para o uso tanto em programas como qualquer outra organização que tenha interesse no aprendizado à paz, justiça global e sustentabilidade.

Todo o material produzido pelo Kompaz fica disponível em seu site (<https://kompaz.cisv.no/>), em sua página do *Facebook*, e seus vídeos também têm acesso livre pelo *Youtube*.

Por fim, o CISV tem uma parceria com o site e viagens Momondo, que patrocinou um programa de *Village*, em São Paulo, e a partir da experiência encontrada nesse programa produziu vídeos (*Dear Mom and Dad*) e kits escolares com atividades sobre diversidade (*Our Colourful World* e *Equally Different*) que podem ser utilizados em sala de aula por professores ou oficineiros no mundo inteiro.

2.2 Observação de Campo

Para fazer a observação de campo, como não é possível avaliar um programa em si, pois todos acontecem nas férias escolares de julho ou janeiro, com algumas exceções que ocorrem durante feriados prolongados, foi possível apenas observar atividades locais do *Chapter* de São Paulo.

No *Chapter* de São Paulo, por ser um dos maiores do mundo, tanto em números de programas que hospeda, como número de delegações que forma para enviar para outros lugares, a busca para participar de um acampamento final torna o processo de recrutamento muito concorrido. Com isso, o *Chapter* fez uma escolha de fazer atividades preparatórias, de um dia e de finais de semana completos, para que haja um desenvolvimento dos jovens e dos adultos participantes e, ao final, uma seleção através de sorteio de seus 'associados', levando em consideração restrições financeiras, geográficas e de disponibilidade de datas. Essas atividades ocorrem entre agosto e março, quando se formam as delegações, pois os programas, em sua grande maioria, acontecem em julho.

Outro fator que impulsiona a organização local a fazer essas atividades é que muitos pais, ao buscarem programas do CISV para seus filhos, confundem o propósito da organização com intercâmbios próprios de agências de viagem. Para a ONG, porém, é importante que o interesse esteja na proposta educacional e não na viagem internacional que o programa pode proporcionar.

Todos os interessados, tanto em vagas de participantes como em vagas de liderança, devem se inscrever em agosto pelo site do *Chapter* Local, onde vão pagar uma anuidade. Quando há um menor de idade, paga-se pelo plano familiar de R\$300,00 ou, no caso de líderes voluntários, maiores de 18 anos, pode-se optar pelo plano individual de R\$130,00.

Em São Paulo, a preparação é responsabilidade de comitês divididos por faixas etárias: Comitê 10 e 11 anos, Comitê 12 e 13 anos, Comitê 14 e 15 anos, Comitê 16 a 18 anos, Comitê de Desenvolvimento e Liderança (CDL), a partir de 18 anos. Cada um desses grupos, formados por voluntários, desenvolve um plano de ação anual¹⁹ com objetivos e indicadores. Da mesma forma, cada programa possui seus próprios indicadores do que é necessário para que um jovem ou adulto esteja apto a ser um representante nos programas para os quais São Paulo recebe convites para enviar uma delegação, ou para formar um *staff* dos que vai hospedar.

¹⁹ Anexo 4.

Os projetos *Mosaic* e IPP passam por processos diferentes. O *Mosaic* em si já é uma atividade local que ocorre ao longo do ano, simultaneamente com as preparações de faixa etária, algumas vezes sem número máximo de participantes e com a possibilidade de envolver todas as idades da organização. Além disso, é sempre organizado pelo Comitê *Mosaic* local. Já o IPP, por ter projetos pontuais em locais distintos, temas específicos e apenas para participantes com mais de 19 anos, a inscrição dos interessados é diretamente ligada aos projetos que serão desenvolvidos. As vagas por países são limitadas, então o Comitê IPP tem como responsabilidade escolher entre os aplicantes, caso haja mais de um para a mesma vaga, de acordo com a contribuição que pode proporcionar. Por isso, não há atividades de preparação especializadas para nenhum desses projetos.

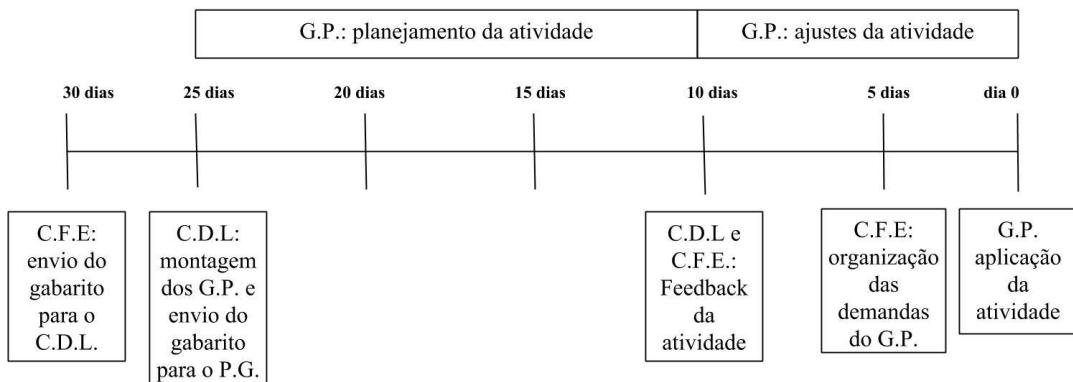
As atividades para os jovens entre 10 e 15 anos são planejadas e aplicadas por voluntários que estão passando pelo processo de recrutamento para serem líderes ou *staffs* de programa. Os Comitês de Faixa Etária (C.F.E.) propõem, através de um gabarito²⁰, o conteúdo educacional a ser abordado; tipo de atividade (bases, teatro, construção com materiais, debate etc); o que se espera ser desenvolvido em relação a conhecimentos, habilidades e atitudes; um plano de fundo que sirva de inspiração; características da faixa etária em questão e evidências que demonstrem que a atividade atingiu seus objetivos.

Já no Comitê 16 a 18 anos e no CDL, há uma mistura de atividades planejadas pelos Comitês e atividades propostas pelos próprios jovens e adultos que fazem parte do processo de desenvolvimento. Isso ocorre, pois há uma visão de que esses comitês oferecem treinamentos específicos ao longo de todo o ano, uma vez que as responsabilidades de funcionamento dos programas são dos participantes destas faixas etárias e o modelo de aprendizado da organização se baseia no 'aprender fazendo'. Para os jovens do 16-18, as atividades são planejadas para serem aplicadas neles mesmos, ainda sim, as expectativas sobre a atividade são propostas pelo comitê seguindo o mesmo gabarito apresentado anteriormente, e os líderes planejam para aplicar nos jovens entre 10 e 15 anos, como já foi explicado.

Em ambos os casos, são formados grupos de planejamento (G.P.) com 5 a 8 pessoas, que englobam voluntários novos e antigos. Estes têm em torno de duas semanas para se organizarem e planejarem a atividade a partir das proposições dos comitês com o suporte do CDL ou do Comitê 16-18. Alguns dias antes da atividade marcada, o grupo de planejamento

²⁰ Anexo 5

envia a proposta aos comitês, estes vão avaliá-la, organizar as demandas e compartilhar com todos os voluntários do dia, como segue a linha do tempo a seguir (Imagem 3)²¹:



As atividades de um dia e os miniacampamentos ocorrem durante o final de semana. Os jovens e líderes fazem sua inscrição através do site do *Chapter Local*. Para os participantes menores de idade, a participação pode ter um custo, nos miniacampamentos este ano foi de R\$500,00, e nas atividades de uma tarde, uma contribuição de um prato de doce ou salgado e bebida para um lanche comunitário. Já os líderes, por serem os voluntários, têm o custo financiado pela organização.

Para os jovens, uma atividade de um dia dura apenas meio período, ou seja, durante a tarde. Os eventos normalmente são realizados em escolas particulares alugadas, onde há quadras cobertas. Já os líderes se apresentam para ação no período da manhã, onde recebem um treinamento com o CDL e a informação sobre a atividade pois, apesar dela ser enviada a todos os voluntários com dois dias de antecedência, há uma quebra na participação das pessoas no dia e o G.P. precisa dividir as funções entre os voluntários ali presentes. Fica como responsabilidade do C.F.E. receber os jovens, enquanto ocorre a montagem da atividade e almoço dos voluntários.

No fim do dia, após a saída dos participantes, há uma avaliação da atividade com todos os voluntários, desde os líderes até os membros dos comitês. Avaliação que segue também um modelo predeterminado, enviado junto ao gabarito.

Já um miniacampamento tem uma estrutura mais complexa, a organização aluga um espaço que possa acolher por volta de 200 pessoas durante todo o final de semana. Os locais mais utilizados pelo CISV são o Rancho Ranieri, em São Lourenço da Serra, e o Rancho Paumar, em Itatiba. A saída para o acampamento ocorre em dois momentos. Primeiramente, os

²¹ Fonte: Da Autora

Líderes saem de um terminal de metrô, com o CDL, sexta-feira às 20h, chegando no local por volta de 21h, 21h30. Neste momento, ocorre uma reunião com todos os líderes, na qual é explicado o funcionamento do final de semana, o papel dos líderes em relação aos jovens, o papel dos Comitês presentes, regras gerais do CISV e do local. Enquanto isso, os jovens se reúnem no Colégio Pio XII para a segunda saída, às 21h, chegando no acampamento entre 22h, 22h30, com o C.F.E..

Com todos presentes, há uma refeição coletiva. Após, os jovens são dispensados para irem dormir, os líderes se encontram novamente para a passagem de todas as atividades preparadas. Nesse caso, são quatro períodos e atividades sob responsabilidade dos líderes: sábado de manhã, tarde e noite e domingo de manhã. Domingo a tarde há uma divisão, enquanto o C.F.E. se responsabiliza por uma atividade com os jovens, os CDL propõem um treinamento para os líderes.

Nos miniacampamentos, os líderes têm outras funções que ajudam na gestão do evento. São eles os responsáveis por organizar, por exemplo, as refeições, desde alocar os jovens nas mesas, quebrando possíveis grupos de amizade já formados, como direcionar para fila de se servir, mantê-los sentados, dar qualquer recado necessário e, ao fim, repassar mais explicitamente o que ocorrerá na atividade seguinte. Todo esse momento é responsabilidade do G.P. que sucede a refeição.

Logo após a atividade, que normalmente no cronograma do dia coincide com um tempo livre para os participantes, é feita uma avaliação aberta. Para esta, deve participar o G.P. correspondente à atividade e refeição anterior, um ou dois representantes do G.P. seguinte, os Comitês presentes e os líderes que tiverem interesse, lembrando que é necessário que alguns adultos fiquem com os participantes.

A seguir, exemplo de cronograma de um dia e de um final de semana (Imagens 4)²².

Cronograma de atividade 30/09/2018

Comitê 14-15

- 10:00 - treinamento (CDL)
- 11:30 - passagem e preparação da atividade planejada
- 12:00 - almoço
- 13:00 - Recepção dos Jovens
- 13:30 - Filme da Mafalda
- 14:45 - Atividade
- 16:30 - entrega dos jovens e avaliação aberta com grupo de planejamento

²² Fonte: Da autora.

Cronograma mini acampamento 19 à 21/10/2018

Comitê 10-11

Sexta - Feira	Sábado	Domingo
20:00 - Saída dos Líderes	09:00 - Acordar	09:00 - Acordar
21:00 - Saída dos Jovens	09:20 - Café da manhã	09:20 - Café da manhã
21:30 - Reunião dos Líderes	10:00 - Atividade 1	10:00 - Atividade 4
22:30 - Jantar	11:30 - Horário livre	11:30 - Horário livre
23:30 - Jovens vão dormir	13:00 - Almoço	12:30 - Almoço
00:00 - Passagem das atividades	14:00 - Siesta	13h30 - Siesta
	15:00 - Atividade 2	14h00 - Atividade comitês
	17:00 - Lanche/ horário livre	15:30 - Lanche/ horário livre
	19:00 - Jantar	16:30 - Saída para São Paulo
	20:00 - Atividade 3	
	22:30 - Jovens vão dormir/ avaliação do dia	

Por fim, a Tabela 2 sistematiza as responsabilidades dos voluntários do CISV São Paulo:

GRUPO	SIGLA	PARTICIPANTES	RESPONSABILIDADES
Comitê de Faixa Etária ²³	C.F.E	<ul style="list-style-type: none"> - 10 voluntários adultos, a partir de 20 anos; - Podem ser pais de jovens participantes, como líderes que também participam do processo de desenvolvimento e liderança; - Pelo menos 2 voluntários devem ser especialistas em algum dos programas da faixa etária, garantido através de treinamento internacional da ONG. 	<ul style="list-style-type: none"> - Definir o plano de ação anual do que será trabalhado com os jovens de sua faixa etária; - Participar de treinamentos locais e internacionais sobre o programa e os princípios educacionais; - Fazer reunião de pais semestrais que explicam tanto o plano de ação como o processo de divisão de delegações; - Definir conhecimentos, habilidades e atitudes que deverão ser desenvolvidas nas atividades de sua faixa etária; - Cuidar das questões de logística que envolvam os jovens de sua faixa etária; - Estar presente em todas as atividades que envolvam jovens de sua faixa etária; - Observar as reações dos jovens em relação à atividade aplicada; - Avaliar a atividade em relação às metas definidas;

²³ Cada faixa etária tem seu próprio Comitê de Faixa Etária, portanto são quatro C.F.E.s (10-11,12-13,14-15,16-18).

			<ul style="list-style-type: none">- Distribuir os jovens em delegações de acordo com os convites dos programas (nacionais e internacionais) respeitando restrições financeiras, geográficas e religiosas;- Fazer acompanhamento das famílias durante a preparação para o programa;- Fazer avaliação do programa, com participantes e famílias.
--	--	--	--

Comitê de Desenvolvimento e Liderança	CDL	<ul style="list-style-type: none"> - 11 voluntários adultos, a partir de 23 anos; - Podem ser pais de jovens participantes, como líderes que também participam do processo de desenvolvimento de liderança; - ter participado de pelo menos um programa na posição de liderança (líder ou <i>staff</i>) - Pelo menos dois voluntários com certificado de treinador, garantido através do treinamento internacional <i>Training the Trainers</i> (TTT), oferecido pela ONG. 	<ul style="list-style-type: none"> - Definir o plano de ação anual de treinamento; - Participar de treinamentos internacionais para treinadores; - Participar de treinamento local de princípios educativos; - Fazer reuniões mensais de captação de líderes voluntários; - Aplicar atividades mensais de treinamento nos líderes voluntários; - Cuidar das questões de logística que envolvam os líderes voluntários; - Estar presente em todas as atividades que envolvam líderes voluntários; - Montar Grupos de Planejamento (G.P.); - Enviar os gabaritos de atividade; - Ler e dar <i>feedback</i> da atividade desenvolvida pelo G.P.; - Observar a atuação dos líderes voluntários na atividade aplicada; - Avaliar a atividade em relação às metas definidas; - Distribuir os líderes voluntários em delegações de acordo com os convites dos programas (nacionais e internacionais), respeitando restrições financeiras, geográficas e religiosas; - Dar treinamentos específicos de programa para os líderes selecionados para seus respectivos programas; - Certificar que haja participação dos líderes locais em treinamentos nacionais específicos de programa; - Fazer acompanhamento do líder voluntário durante o programa; - Fazer avaliação do programa com os líderes.
---------------------------------------	-----	--	--

Líderes Voluntários	Líderes	<ul style="list-style-type: none"> - voluntários a partir de 18 anos 	<p>ANTES DE SER SELECIONADO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participar de atividades de treinamento oferecidas pelo CDL; - Participar de Grupos de Planejamento (G.P.); - Auxiliar na aplicação de atividades desenvolvidas por G.P.s; - Participar de avaliações das atividades. <p>DEPOIS DE SER SELECIONADO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer a preparação para o programa em conjunto com as famílias dos participantes; - Participar de treinamentos locais e nacionais específicos do programa para qual foi selecionado; - Durante o programa, manter contato com as famílias dos jovens e com o CDL; - Fazer a avaliação após o programa.
Grupo de Planejamento	G.P.	<ul style="list-style-type: none"> - grupo de líderes voluntários, que se disponibilizam para fazer parte do G.P. de uma atividade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Receber e ler o gabarito de atividade preparado pelo C.F.E.; - Planejar a atividade de acordo com o que foi pedido; - Entregar o planejamento para ser lido pelo CDL e pelo C.F.E.; - Receber o <i>feedback</i> da atividade e fazer os ajustes necessários; - Explicar a atividade para os demais líderes voluntários no dia da aplicação da atividade; - Distribuir as responsabilidades dos líderes voluntários; - Explicar a atividade para os participantes; - Cuidar da logística da atividade; - Participar da avaliação da atividade.

Comitê <i>MOSAIC</i>	<i>MOSAIC</i>	<ul style="list-style-type: none"> - 5 voluntários adultos, a partir de 20 anos; - Podem ser pais de jovens participantes, como líderes que também participam do processo de desenvolvimento e liderança; - Pelo menos 2 voluntários devem ser especialistas no programa, garantido através de treinamento internacional da ONG. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver e aplicar atividades locais; - Cuidar de toda a logística da aplicação da atividades; - Avaliar a atividade, em conjunto dos participantes e voluntários; - Reportar a atividade para o comitê internacional.
Comitê IPP	IPP	<ul style="list-style-type: none"> - 5 voluntários adultos, a partir de 20 anos; - Podem ser pais de jovens participantes, como líderes que também participam do processo de desenvolvimento e liderança; - Pelo menos 2 voluntários devem ser especialistas no programa, garantido através de treinamento internacional da ONG. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer a seleção dos voluntários aplicantes; - Aplicar treinamento para os selecionados; - Acompanhar o voluntário durante o programa; - Fazer a avaliação do programa com o voluntário.

Fonte: Da autora

Neste semestre, a autora acompanhou onze atividades para participantes das faixas etárias de 10 e 15 anos e quatro atividades como membra do Comitê de Desenvolvimento e Liderança, totalizando 40 horas de observação. Neste contexto, escolheu-se para descrever o processo do CISV em uma atividade voltada para cada idade e uma de treinamento de líderes. As escolhas se deram por características específicas das atividades, como ludicidade para os mais jovens, os temas para a faixa etária intermediária, um formato diferente para os de 14-15 anos (já que os formatos tendem a se repetir). Em relação ao treinamento de líderes, escolheu-se para relatar neste trabalho aquele que foi mais completo e apontou para atividades que serão

realizadas em 2019 (a maioria dos treinamentos se volta para discussão de *feedback* de ações passadas).

Algumas atividades ocorreram concomitantemente e por isso não foi possível a presença para a observação das ações. Para ampliar a análise, foi enviado um questionário aos coordenadores dos Comitês 16-18 e *Mosaic* para se obter um relato das atividades, completando assim todas as ações do *Chapter* de São Paulo durante o semestre.

Atividade 10-11 anos, miniacampamento, dias 19 a 21/10/2018

No caso deste miniacampamento, estavam presentes 50 adultos responsáveis, sendo 35 na posição de líder e 15 nas posições de Comitê de Faixa Etária 10-11, 16-18 e Comitê de Desenvolvimento e Liderança, 10 jovens entre 15 e 17 anos, e 150 jovens da faixa etária 10-11 anos.

Com as crianças de 10-11 anos, as atividades tendem a ser mais lúdicas e emprega-se o recurso à fantasia. Isso faz com que os participantes se envolvam melhor com as atividades. Para esta atividade então, que era a primeira do dia do primeiro miniacampamento, os participantes faziam parte de uma 'assessoria de super-heróis' e precisavam conseguir poderes para os personagens deles.

Neste caso, os jovens foram divididos em grupos de 6 crianças, separados anteriormente, durante o café da manhã, com dois líderes adultos ou um líder e um jovem de 15 a 17 anos, um desempenhava o papel do herói e o outro dava suporte para o grupo. Eles lhe deram nome, caracterizaram-no e escolheram um lugar para ser seu Quartel General. Cada um dos grupos iniciava o jogo com um 'poder'. Teriam que criar tarefas para os heróis que queriam ganhar a habilidade deles, ao mesmo tempo em que precisavam 'treinar' seu herói, indo atrás das outras sedes para fazer as tarefas e ganhar os outros poderes. Os participantes eram, portanto, base e força de ação.

Para finalizar a atividade, o G.P. optou por uma discussão silenciosa onde as crianças precisavam se dividir entre concordo e discordo e, se quisessem, poderiam expor sua justificativa. Esse modelo foi escolhido, pois a atividade não tinha um conteúdo educacional tão profundo, visava que os jovens conhecessem o espaço do Rancho Ranieri e trabalhassem em equipe. Além de ser a primeira atividade, por isso as crianças ainda estavam muito tímidas, a ideia foi criar um espaço de confiança e diversão entre os jovens e os líderes.

Neste exemplo e assim como é proposto no programa desta faixa etária, fica como responsabilidade total dos adultos o planejamento e aplicação da atividade. Fica para os participantes um papel de decisões mais superficiais, como o nome, a caracterização e o QG do

super-herói, bem como a tarefa que será aplicada com os outros grupos para que tenham direito ao “poder” de seu personagem.

Atividade 12-13 anos, dia 29/09/2018

Neste evento, estavam presentes 40 adultos, sendo 30 na posição de líder, 6 do C.F.E. e 4 do CDL, e 160 jovens, 60% meninas e 40% meninos. A maioria já havia participado de um programa do CISV, o *Village*, mas para alguns era a sua primeira experiência em atividades da ONG.

Para esse dia, o comitê 12-13 convidou a Companhia Ateliê Teatro que fez uma performance para os jovens. A história interpretada foi "A fada da Torneira" vinda do livro "Contos da Rua Brocá" de Pierre Gripari. Além disso, a Companhia dava chance às crianças de participarem, propondo o início de uma outra história. Com as contribuições da plateia, os atores improvisaram os acontecimentos. A ideia era que os participantes resolvessem os conflitos que surgissem ao longo da trama. Após o teatro, houve uma pausa para um lanche e em seguida foi introduzida a atividade preparada pelo Grupo de Planejamento.

A atividade tinha o objetivo de fazê-los pensar nas diferentes situações de conflitos que eles vivenciam no dia a dia como, por exemplo, conflitos na escola, em casa com os pais, relação interpessoal com amigos, situações de trabalho em equipe, e também conflitos internos, especialmente sobre valores que consideram importantes ou não.

Com isso, foi contada uma história para as crianças sobre o que consiste a atividade: foram apresentados a eles 16 líderes, membros do CISV de um Universo Paralelo, que sofriam por serem os filhos menos favorecidos em suas famílias e por isso vieram aqui para saber como é a vida no nosso Universo e como as pessoas agem. Coube às crianças guiar e ajudar os estrangeiros a passar pelas bases²⁴ que ilustraram diferentes situações do nosso cotidiano. As situações eram as mais diversas.

As crianças foram divididas em 16 grupos, cada uma com um líder adulto que interpretava um jovem do Universo Paralelo. Cada grupo percorreu todo o espaço, passando por diferentes situações, mostrando ao amigo 'estrangeiro' como tudo funciona no nosso mundo.

As crianças receberam um mapa com a ordem das bases que deveriam seguir. Cada base tinha um líder que apresentava um desafio que os jovens deveriam resolver em grupo. Em uma das bases, por exemplo, as crianças deveriam realizar um caça-palavras, como se fosse uma

²⁴ Bases são líderes adultos que ficam em determinados espaços, responsáveis por desenvolver práticas específicas relacionadas às atividades.

prova escolar e, como se estivessem em uma escola, tinham que decidir se fariam a prova sozinhos, em grupo, se colariam ou não – explicando para o extraterrestre como funciona uma escola na Terra e quais as atitudes possíveis por parte de estudantes. Não há uma resposta certa, o grupo deveria chegar a um consenso de como a prova deveria ser feita.

Ao completarem a tarefa, elas receberam um papelzinho com perguntas de reflexão pessoal que poderiam ou não querer compartilhar com os demais. Algumas perguntas dessa atividade eram: "Dependendo da situação, acha que está tudo bem quebrar as regras?", "Você acha certo mentir para seus pais, como você se sentiria se estivesse no lugar deles?", "Você faria uma coisa que você não gosta só para fazer amigos?", "Você acha que é fácil admitir quando está errado?".

Os próprios exercícios de cada base tinham como objetivo provocar uma reflexão nas crianças participantes, ainda que indiretamente, fazendo-as pensar sobre suas próprias experiências pessoais, já que as bases sugeriram conflitos relacionados à escola, família, trabalho em equipe, amizade, comunicação e escolhas pessoais.

Ao final, juntaram-se quatro grandes grupos para discutir todos os acontecimentos do dia, desde o teatro e a possibilidade de adaptação frente a situações problemáticas, como ocorreu no teatro, até a necessidade de tomar decisões coletivamente, visando o que era melhor para o grupo, tendo que lidar com opiniões diferentes.

Na avaliação geral, feita pelos líderes, C.F.E. e CDL, pouco foi comentado sobre se o objetivo foi atingido ou não pelas crianças. Tanto o Grupo de Planejamento, quanto os Comitês envolvidos se preocuparam especialmente com o formato da atividade, entretanto, foram destacadas algumas falas dos jovens que demonstravam o cumprimento da proposta. Por exemplo: J²⁵, 12 anos, falou: "eu sempre tento pensar do jeito certo, mas na hora a gente às vezes não dá tempo de pensar, só fazer, não tem como se preparar 'pras' situações."

Percebe-se, neste caso que, apesar de não seguir a orientação internacional, na qual os jovens planejariam suas próprias atividades, o tema trabalhado foi mais próximo da realidade dos jovens participantes, trazendo a discussão para um campo de assuntos, temas e conflitos que os jovens realmente vivenciam no seu cotidiano.

Atividade 14-15 anos, miniacampamento, dias 09 a 11/11/2018

Neste miniacampamento, estavam presentes 100 jovens entre 14 e 15 anos, a grande maioria já haviam participado de dois ou três programas do CISV e poucos em sua primeira ou

²⁵ J, jovem que não pode ser identificado.

segunda experiência em atividade local. A proporção entre meninas e meninos foi de 60% feminina e 40% masculina. Em relação aos adultos, 30 estavam na posição de líder, seis pessoas do C.F.E. e quatro do C.D.L..

O tema geral do ano escolhido para esta faixa etária foi o Eu Cidadão, buscando trabalhar quais maneiras que os jovens poderiam atuar em seu ambiente a partir de uma perspectiva cidadã, mesmo sem poderem votar ainda. Como entre os jovens dessa faixa etária há um grande desejo de se envolver em debates sobre os mais diversos assuntos, o modelo dessa atividade foi proposto para que todos tivessem a oportunidade de dar sua opinião, uma vez que alguns ainda têm dificuldade de se expor em grandes grupos. Desta forma, também buscava desenvolver a habilidade de escuta e posicionamento.

O G.P. apresentou um teatro com seis personagens: Maria, a personagem principal, era casada com João e estavam em um relacionamento abusivo. João, então viaja a trabalho. Nesse tempo, Maria conhece Roberto, um poeta que se apaixona por ela. Em uma das visitas de Maria à casa do poeta, este se declara, mas ela rejeita ter um caso. Voltando para casa Maria precisava cruzar uma ponte, mas se depara com um homem estranho. Ao mesmo tempo, Luisa, amiga de Maria, aparece e tenta ajudá-la a voltar para casa sem precisar cruzar a ponte. Elas pedem ajuda ao barqueiro, que nega, então decidem que o único jeito é cruzar a ponte. Nesse momento, o homem estranho aborda as duas amigas. Luisa foge e Maria é assassinada.

Após o teatro, cada participante recebeu um papel com os nomes dos personagens, e deveriam elencar de 1 a 6, do mais culpado ao menos culpado pela morte da protagonista. Em seguida, os participantes juntaram-se em dupla e tiveram que chegar em um consenso, apresentando seus pontos de vista. Depois a dupla se reuniu com outra dupla, repetindo o processo e assim sucessivamente, até a formação de grupos com dezenas pessoas.

Nesse cenário, os líderes participaram na mesma atividade que os adolescentes e, enquanto uma parte formou um grupo apenas de adultos, outros se integraram no meio dos jovens. Estes que se integraram, tiveram que ter um cuidado especial ao formar os grupos de 16 pessoas, policiando seus pontos de vista e priorizando o trabalho de mediação.

Por fim, foram apresentadas todas as respostas e o G.P. interpretou mais um pequeno teatro, mostrando a história por trás do assassinato, dando informações novas e que indicavam então a ordem dos responsáveis. João, que tinha um caso com Luisa, em primeiro lugar, pois havia mandado matar Maria; Luisa, em segundo, pois havia apoiado João e ajudado na morte da amiga; em terceiro, o assassino, que de fato matou a mulher; em quarto, o barqueiro, que havia aceitado dinheiro de Luisa para não atravessar as duas; em quinto, Roberto, pois viu a

dificuldade de Maria para voltar para casa e não a ajudou e, por último, Maria, que foi a verdadeira vítima da história²⁶.

Nesta atividade, os jovens ganharam maior autonomia em sua participação, os adultos estavam no mesmo papel que os participantes e, por isso, os jovens se sentiram livres para expor sua opinião e defender seu ponto de vista 'de igual para igual' com os adultos, até por ser uma história fictícia na qual ninguém conhecia a verdade final.

Atividade para líderes, dias 29 e 30/09/2018

O objetivo deste treinamento era construir entre o Grupo de Líderes o que é considerado um bom modelo de facilitação, termo utilizado dentro do CISV, mas que podemos pensar em termos de mediação, questão chave dentro de projetos educomunicativos. Essa capacitação ocorreu antes das atividades com os jovens das faixas etárias 12-13 e 14-15, junto às quais o Líder desempenha um papel de mais mediador do que agente em relação aos participantes, diferente das faixas etárias menores, quando interfere mais.

O grupo de líderes presente foi dividido em pequenos grupos de 4 ou 5 pessoas. Cada grupo recebeu um baralho, que continha uma palavra em destaque e cinco palavras relacionadas à primeira, que não poderiam ser usadas para explicar o sentido da palavra em destaque. Por exemplo, a palavra em destaque Personalidade, que não poderia ser exemplificada por Caráter, Gênio, Individualidade, Perfil, Característica. O objetivo do jogo era descrever em um minuto e trinta segundos o máximo possível de palavras indicadas para o grupo.

As palavras escolhidas eram características que poderiam ser relacionadas a um bom facilitador, ou ao grupo no qual este age. Eram elas: empatia, expectativa, interesse, improviso, vulnerabilidade, julgamento, opinião, calma, personalidade, escuta, silêncio, ritmo, mediação, dinâmico e treinamento.

Após essa dinâmica, cada grupo recebeu materiais para que construíssem um líder exemplar, destacando quais competências e relacionando-as a uma parte do corpo. Em seguida, cada grupo apresentou seu 'líder ideal'. Como previsto, algumas das palavras do baralho foram utilizadas. Por fim, foi pedido que alguém assumisse o personagem criado por eles em algumas situações, casos reais, nos quais deveriam improvisar encarnando as características propostas por eles mesmos, enquanto os outros tinham papéis de oposição, sendo favoráveis ou contra na situação. As situações propostas foram: a) a presença de um jovem transexual em um programa,

²⁶ Esta atividade apresenta inúmeros problemas a começar pelo fato de tratar de forma cômica um tema tão sensível e isso se refletiu na avaliação posterior. Retomaremos este tópico mais tarde.

b) um jovem que era inquieto e não prestava atenção nas discussões, c) se ocorresse um caso de *bullying* qual seria a consequência que o jovem opressor sofreria e d) como lidar com uma pessoa que se emociona facilmente e chora para tudo.

Essa sessão gerou muitos comentários positivos, apesar de não ter uma discussão pré planejada, surgiu do próprio grupo as seguintes falas: "eu acho que se a gente tivesse tempo 'pra' ensaiar teria ficado melhor, mas a gente não pode ensaiar nossas reações e discursos no 'vamo vê'", "a atividade da carta foi muito legal, porque a gente quer que os participantes cheguem num ponto sem dar a resposta, é quase a mesma dinâmica", "no começo eu nem tinha me tocado, mas depois percebi que as palavras das cartas tem tudo a ver com as características que todo mundo colocou".

Nesta situação, os adultos assumiram o mesmo papel que os jovens: eram os participantes. A atividade foi preparada por assuntos que foram trazidos de avaliações do ano anterior. Coube ao CDL transformar os assuntos em uma dinâmica de treinamento com o objetivo de preparar os voluntários para assumir o papel de mediadores com os jovens participantes das atividades.

Miniacampamento 16-18 anos, dias 28 a 30/09/2018 (via questionário)

O miniacampamento dos jovens de 16, 17 e 18 anos é organizado pelo Comitê da faixa etária, com suporte da diretoria executiva do *chapter* nas questões de logísticas comunicacionais e de suporte de gestão de riscos. Com isso, participam deste evento apenas os membros do comitê, que agem como *staff*, e os jovens da faixa etária.

Como objetivo, era esperado que os participantes desenvolvessem autonomia, atitudes de engajamento e liderança, por isso foi proposto que das cinco atividades a serem aplicadas, apenas duas seriam responsabilidade do Comitê. Entre elas, uma seria um espaço de planejamento e três seriam planejadas e aplicadas pelos próprios jovens.

Dessa forma, no período da manhã de sábado, foi desenvolvida a questão do trabalhar em grupo e tomar decisões vivendo em comunidade, e tendo o desafio de opinar diante de diversas visões diferentes. Durante a tarde, então, foi passado o bastão para os participantes.

De acordo com o entrevistado, Luiz Guilherme Nickel, coordenador do comitê em questão:

A tarde cortamos o 'cordão umbilical' para que os jovens tomassem as decisões de como seriam as atividades. Apresentamos algumas ferramentas utilizadas dentro do CISV, como o CHA, *Golden Circle*, Formulário Como Planejar uma Atividade, e maneiras diferentes de realizar uma discussão. As atividades planejadas pelos jovens

tiveram críticas pelo comitê antes de serem realizadas para que todas as atividades conseguissem permear o tema que o comitê estabeleceu para o ano, o "Eu Nacional", a partir de alguns temas como *fake news*, eleições e comunidade nativa brasileira. As atividades ocorreram e houveram avaliações delas pós encerramento.

A mediação das atividades seguintes foi dividida entre os grupos de planejamento e o próprio C.F.E., proporcionando que todos os jovens passassem pela primeira experiência de mediador, uma vez que nos programas que lhes dizem respeito eles serão os responsáveis, tanto pelo planejamento, aplicação e mediação de atividades, como pelas decisões de andamento do acampamento.

Neste caso, percebe-se que há um maior empoderamento e protagonismo dos jovens envolvidos, e ainda uma correlação com seu papel na comunidade na qual estão integrados. Abrindo um espaço no qual os jovens desta faixa etária puderam discutir assuntos importantes e do universo adulto, a partir de seus próprios pontos de vista.

Atividade MOSAIC 22/09/2018 (via questionário)

A atividade do *Mosaic* organizada para este semestre foi o *Peace Day* "Dia Internacional da Paz", um evento aberto à toda comunidade do CISV, e oferecido em 3 turnos de 40 minutos de duração, começando o primeiro às 10:00hs e o último terminando às 12:20hs. O Comitê teve ajuda de voluntários de outros grupos para ajudar tanto no planejamento quanto na realização no dia, através da formação de um *Staff*.

De acordo com *Sylvia Kamimura*, a coordenadora do Comitê *Mosaic*, entrevistada para este trabalho:

O *staff* que se formou era composto de pessoas muito diferentes em idade, tempo de participação na organização, bagagem pessoal, áreas de atuação profissional, mas a integração entre todos foi instantânea. Todos trabalharam de forma harmoniosa, as ideias se complementam e o trabalho fluiu de forma rápida e interessante.

O objetivo deste evento era celebrar o Dia Internacional da Paz, que na realidade é comemorado dia 21 de setembro, mas como a maioria das ações do CISV ocorrem em finais de semana, para que tenha maior presença possível, optou-se por fazer a ação no sábado, dia 22 de setembro.

Os participantes de cada turno foram divididos em 4 grupos e teriam que percorrer um circuito por 4 bases, com o tempo determinado de 8 minutos por base. Cada base abordava um pilar educacional do CISV.

Em Diversidade, a primeira base, a atividade proposta foi criar uma *persona*, cada um deveria pensar em uma boa característica sua, e uma que não gostasse muito, depois, em grupo, deveriam atribuir essas características a uma *persona* e discutir sobre o resultado.

Em Direitos Humanos, foram pensadas perguntas para os participantes responderem, sobre o conceito universal dos Direitos Humanos. A mediadora apresentou algumas notícias de jornal com exemplos de violações de direitos, e perguntou para a plateia quais direitos humanos da Declaração Universal estariam sendo violados, discutindo a Declaração Universal.

Sobre Sustentabilidade foi oferecida uma oficina de transformação de lixo em objetos com outra utilidade, provocando assim, uma reflexão sobre o lixo que produzimos e formas de se reaproveitar materiais e reduzir os descartes.

Com Resolução de Conflitos, a atividade foi um teatro do oprimido²⁷ com a encenação de uma situação de desrespeito e agressividade, seguido de uma roda de discussão sobre a cena e a participação do público na criação de uma nova cena com as devidas correções de atitudes.

Por fim, os participantes escreveram uma mensagem de paz para pendurar em uma árvore, levando em consideração sua experiência durante a atividade.

A entrevistada relatou que muitos dos adultos que participaram foram surpreendidos positivamente, afinal a maioria das atividades da ONG é direcionada aos jovens, nesse caso, os adultos foram membros ativos.

Houve muita integração, compartilhamento de ideias, trabalho em equipe, aprendizado, aquisição de conhecimento, reflexão sobre as próprias atitudes em situações corriqueiras do dia a dia, disposição em abrir a mente e olhar de forma diferente para os pequenos fatos da vida cotidiana, tanto para os participantes quanto para os organizadores do evento.

Esta experiência propôs uma inversão de papéis para os adultos, todos foram participantes deste dia, os pontos de vista dos jovens e seus pais estavam no mesmo patamar. Foi surpreendente para os adultos perceberem o que o CISV propõe para seus filhos discutirem, assim como seu papel na sociedade.

²⁷ A base do TO é a exploração de situações de opressão e a valorização da capacidade criadora e criativa de todas as pessoas, através da sua ativação enquanto sujeitos. O público é estimulado a entrar em cena, substituir o protagonista, participando de forma direta na criação de um final ou de vários finais possíveis. Foi desenvolvido por Augusto Boal.

4 REFLEXÕES

A partir da observação das atividades, dos questionários e, tendo como guia o Roteiro sobre características de projetos educomunicativos, é possível analisar que as atividades desenvolvidas pelo CISV, apesar de poderem ser relacionadas a vários desses aspectos, variam no grau e na forma como aparecem premissas básicas da Educomunicação. A variação se dá especialmente de acordo com a faixa etária.

Para ilustrar as observações de forma resumida, os resultados observados foram tabelados, tendo como norte o papel dos participantes de cada faixa etária (Tabela 3):

	10-11	12-13	14-15	16-18	Mosaic	CDL
Empoderamento dos sujeitos envolvidos	MÉDIO	MÉDIO	MUITO	MUITO	MÉDIO	MUITO
Participação	POUCO	POUCO	POUCO	MUITO	POUCO	MUITO
Gestão de Conflitos	MÉDIO	MÉDIO	MÉDIO	MUITO	MÉDIO	MUITO
Amplitude do Diálogo	MUITO	MUITO	MUITO	MUITO	MUITO	MUITO
Agentes Positivos para um ambiente dialógico	MUITO	MUITO	MUITO	MUITO	MUITO	MUITO
Protagonismo	MUITO	MUITO	MÉDIO	MUITO	MUITO	MUITO
Avaliação das Atividades	POUCO	POUCO	POUCO	MUITO	POUCO	MUITO

Fonte: da autora.

A. Empoderamento dos sujeitos envolvidos

De todas as atividades observadas e dos questionários aplicados, foi possível perceber que, para os jovens das faixas etárias de 10-11 a 14-15 anos, assim como na atividade de

MOSAIC, a preocupação com o empoderamento foi menor. Apesar das discussões das atividades darem a eles subsídios para discutir ações relativas às suas próprias realidades, pouco de fato envolvia o poder de mudança dos jovens em sua comunidade, apesar de haver uma boa reflexão sobre o assunto, a possibilidade de se mobilizarem e se apoderarem de meios e formas de atuação para transformação da realidade, gravitando em torno do sentido anteriormente apresentado sobre o empoderamento. Como já mencionado anteriormente, o público atendido pelo CISV é formado por jovens de alto poder aquisitivo e isto também pode ter contribuído para a questão do empoderamento apresentar-se pouco desenvolvida, ou por estes jovens já terem, por uma questão de lugar social, consciência de seu valor e sua capacidade, ou por não enxergarem mudanças necessárias em seu entorno imediato. Já para os jovens da faixa etária dos 16 aos 18 anos e para os líderes, as atividades aplicadas buscavam um certo empoderamento dos participantes, uma vez que estes seriam responsáveis por compreender o seu entorno, planejar ações e atividades, fossem elas para serem aplicadas neles mesmos ou para aplicarem em outras faixas etárias, com o objetivo de transformar os demais jovens envolvidos nos processos em que seriam mediadores.

B. Participação

Novamente, nas faixas etárias entre 10 e 15 anos e no *MOSAIC*, a participação se deu de forma mais operacional. Um grupo de adultos planejava as atividades e os jovens apenas participavam enquanto público, sem efetivamente terem participado do processo de construção das atividades. Apesar disso, estas muitas vezes foram alteradas a partir das escolhas e decisões dos jovens, indicando haver certa flexibilidade mesmo enquanto o formato e o resultado já eram pré-definidos.

Para os jovens de 16 a 18 anos, bem como para os líderes, houve uma participação ativa, sendo eles os responsáveis por planejar e executar todas as atividades. Mesmo que, por vezes, seguindo um conteúdo educacional definido pelos Comitês de Faixa Etária, ficava sob sua responsabilidade definir os caminhos que seriam tomados.

C. Gestão de Conflitos

No geral, todos os participantes de todas as atividades tiveram forte participação na gestão dos conflitos gerados, sejam eles em tomadas de decisões ao longo das atividades ou nas discussões. Além disso, os mediadores estavam preparados para auxiliar os participantes caso fossem solicitados, ou quando percebiam a necessidade de alguma ação, sabendo que o conflito é parte importante da formação dos jovens, uma vez que estes identificassem e buscassem

soluções para os problemas que surgiam. Os conflitos envolviam, principalmente, tomadas de decisões entre os grupos. Por exemplo, na atividade das crianças de 10-11 anos narrada anteriormente, a do super-herói, os 25 grupos de seis crianças deveriam, cada um, escolher um local para ser o Quartel General. Dois grupos decidiram pelo mesmo local e resolveram o problema a partir de discussões entre eles.

D. Amplitude do Diálogo

Em todas as atividades, foi possível perceber que havia uma amplitude no diálogo. Durante as atividades, os participantes tinham liberdade para expor sua opinião, bem como os líderes presentes, fazendo seu papel de mediadores. Além disso, em todas as atividades era separado um momento especial no qual ocorria um debate sobre o ocorrido. Como no exemplo anterior, o diálogo é a base para a resolução dos conflitos, seja entre os participantes das atividades, seja entre os mediadores. Neste último caso, contudo, algumas vezes há uma interferência dos Comitês, responsáveis pela coordenação final da atividade, para garantir certos preceitos. Por exemplo, em uma atividade voltada para crianças de 14-15 anos, os líderes haviam decidido colocar em uma base a discussão sobre aborto que foi vetado pela coordenadora²⁸.

Entretanto, os assuntos discutidos eram previamente selecionados e preparados pelos adultos mediadores do momento. Já no caso dos jovens de 16 a 18 anos, o assunto de interesse era trazido pelos próprios jovens, apesar de seguir um tema preparado pelo Comitê.

E. Agentes positivos para um ambiente dialógico

O CISV demonstra uma grande preocupação com a formação de líderes mediadores, por isso em todos os momentos de debate havia um facilitador preparado, com perguntas orientadoras, mas sempre tendo em mente que a conversa poderia tomar um rumo também válido e diferente do planejado, dependendo dos participantes ali presentes.

Além disso, foi possível observar diversos formatos de discussões, em grupos maiores, menores, mais reflexivos e sem exposição por fala, e grupos que aos poucos aumentavam de tamanho, dando chance para que todos os participantes tivessem suas ideias escutadas.

²⁸ A autora era a coordenadora e vetou o tema por achá-lo bastante sensível para estar sendo proposto de forma simplista e equivocada.

F. Protagonismo

Apesar da participação ser mais operacional, todas as atividades eram voltadas para o protagonismo dos participantes, aparentando ser algo crescente com a faixa etária e maturidade dos envolvidos. Por isso, as tomadas de decisões dos mais novos eram mais superficiais, que agiam apenas na conjuntura da atividade, enquanto dos mais velhos eram mais profundas e estruturais em relação ao assunto que seria debatido, a vivência que seria proporcionada e até mesmo o formato de discussão que seria realizado.

G. Avaliação das atividades

As avaliações ocorreram sempre ao final das atividades, com a participação dos responsáveis por planejá-las, com os Comitês de Faixa Etária, o Comitê de Desenvolvimento e Liderança e todos os facilitadores que estiveram presentes ou que seriam os responsáveis pela atividade seguinte, no caso de um miniacampamento.

Neste momento, há uma discussão sobre o processo de planejamento, a aplicação e também o resultado, com a intenção de perpetuar as boas práticas e repensar as falhas, e ao mesmo tempo analisar se o objetivo educacional foi alcançado, seguindo a parte 4 do gabarito de atividade (Anexo 5).

Volta-se para o que o C.F.E. planejou como “evidências”, ou seja, pistas de que a atividade correspondeu ao que se esperava em termos de Conhecimentos, Habilidades e Atitudes (CHA) desenvolvidas. Na maioria das avaliações observadas, as evidências podiam não estar presentes como previstas no gabarito de avaliação (explicado anteriormente na página 36). No entanto, outras pistas deixavam claro que o indicador havia sido alcançado. Por exemplo, enquanto a atividade do Comitê de Faixa Etária 12-13 pedia como evidências: nomear conflitos, colocar-se no lugar do outro e praticar escuta ativa, J, o jovem que comentou sobre como não era possível se preparar para as situações, demonstrou uma reflexão sobre uma atitude proposta inicialmente: como reagir de forma pacífica frente aos conflitos?

Percebe-se também que a definição desses indicadores e a previsão de algumas evidências tira peso da avaliação como verificadora e medidora de saber junto aos participantes, como foi mencionado por Mello (2016) anteriormente no primeiro capítulo deste trabalho. Ela se dá, principalmente, pela percepção dos mediadores sobre as atividades executadas e sobre o desempenho dos próprios mediadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi mencionado no início do trabalho, o objetivo desta pesquisa foi analisar se o projeto da ONG CISV dialoga com a Educomunicação, podendo ser identificado como um projeto educomunicativo ou com características dos projetos Educom.

À medida que foram listados os princípios da Educomunicação, pode-se entender com maior profundidade a necessidade deste campo na atualidade, bem como a necessidade de suas práticas, para atingir seus objetivos de verdadeira transformação na sociedade e formação de cidadãos participativos.

Em relação ao CISV, também foi possível perceber uma vontade de mudança na realidade atual através da formação de cidadãos globais. Entretanto, seus esforços, pelo menos durante o período observado, em São Paulo, não causaram os impactos idealizados. Seja por sua característica única de trabalhar apenas com jovens de classes sociais mais altas, quanto por seu raio de atuação exclusivo e fechado, criando uma verdadeira "bolha", na qual só participam aqueles que se inscreveram, por um certo período de tempo e em locais determinados.

Ao mesmo tempo, características formais do projeto parecem contribuir para que não se avance como desejado em relação aos objetivos da ONG. Por exemplo, há uma repetição dos formatos das atividades, o que indica não apenas a falta de criatividade e de reflexão por parte dos que as propõem, os jovens adultos que são formados como líderes, mas também uma abertura menor para outras formas de se tentar trabalhar -- o que pode indicar uma homogeneidade nas visões de mundo e experiências. Por exemplo, mesmo descrevendo uma atividade para cada faixa etária, das seis escolhidas, três seguiram o formato de "bases"²⁹ e, dentro de todas as observadas, 70% seguiam esse mesmo padrão.

Por outro lado, a única atividade que fugiu do formato padrão, na faixa etária de 14-15 anos, demonstrou o verdadeiro despreparo dos voluntários que a planejaram. O tema do feminicídio foi tratado de forma cômica e limitada. Enquanto o Grupo de Planejamento ingenuamente acreditava que estava incentivando os jovens a discutirem a história apresentada,

²⁹ Formato explicado anteriormente na p. 45.

pedindo para rankear os culpados e incluindo a vítima, não perceberam o quanto problemático era esse tema. Não houve cuidado nem pesquisa sobre o assunto e, ainda por cima, fugiu-se completamente do que foi pedido pelo gabarito enviado pelo Comitê de Faixa Etária.

Apesar de haver um cuidado do Comitê de Desenvolvimento e Liderança, bem como do Comitê de Faixa Etária, que faz a proposta das competências que deseja desenvolver nos jovens, e ainda dá subsídios para que os voluntários planejem algo no tema indicado, além de ler previamente as atividades e dar *feedback* aos Grupos de Planejamento, nem sempre é possível identificar erros graves como esse. Como já foi posto anteriormente, assuntos inapropriados já foram vetados, ainda assim, neste caso, não foi possível perceber que este assunto seria tratado dessa forma, pois a descrição da história não estava aberta no gabarito da atividade, como é possível observar no Anexo 6.

Dessa forma, destaca-se o problema do voluntariado, especialmente em projetos que têm objetivos educativos. Enquanto os líderes adultos são voluntários, sua falta de formação no âmbito educacional é um problema para a perpetuação de práticas e discussões que não saem da esfera do senso comum, além de não conseguirem identificar assuntos adequados aos jovens que serão alcançados por essas ações.

Por outro lado, este trabalho evidenciou apenas a temporada de preparação para o que seria o projeto verdadeiro da ONG, que são os programas nacionais ou internacionais que ocorrem nas férias escolares. As atividades aplicadas então, são treinos tanto para os jovens quanto para os líderes que vão participar desses acampamentos.

Portanto, não é possível dizer que o projeto da ONG CISV não dialoga com princípios e práticas educomunicativas. Enquanto algumas atividades demonstraram ter relação e outras não, a parte observada só contempla uma cidade na primeira fase de preparação, enquanto a ONG está presente em mais de 70 países e tem um maior trabalho destacado voltado aos programas educacionais de férias. A preocupação com a participação dos jovens na elaboração das atividades, a ideia de respeitar seus pontos de vista e construir atividades também a partir daí, além da constante preocupação com a avaliação coletiva são indicativos importantes de

uma possibilidade de diálogo, mesmo que esta tenha como obstáculo a dificuldade de formação de muitos dos envolvidos.

Em relação ao ecossistema comunicativo da ONG, podemos dizer que ainda é muito tradicional, principalmente na relação entre os pais dos jovens participantes das atividades desenvolvidas, e por isso ainda há uma confusão entre o CISV ser um projeto educativo e não uma agência de viagens ou de intercâmbio.

Por fim, enquanto em São Paulo algumas práticas educomunicativas são aplicadas, só se poderia definir com mais certeza como o trabalho do CISV, como um todo, se relaciona com os paradigmas da Educomunicação observando de perto os programas educacionais mais extensos e consolidados.

Em relação a São Paulo, é perceptível a necessidade de um trabalho melhor de formação educomunicativa junto aos voluntários que serão os líderes.

Durante todo meu período de graduação essa questão pairou, tanto sobre minhas ações no CISV, como durante as discussões da Educomunicação. Este trabalho fortalece minha escolha pela Licenciatura, uma vez que me sinto mais preparada em relação aos outros voluntários e minhas ações em treinamentos, bem como fazer críticas construtivas à ONG, para que esta melhore suas ações locais.

Em relação ao campo da Educomunicação, espero que a discussão sobre um tema tão distinto aos abordados em sala, que este trabalho possa contribuir para a discussão do campo e suas práticas.

BIBLIOGRAFIA

_____. **Interchange Programme Guide: 2011.** Disponível em: <<https://cisv.org/resources/programmes-resources/interchange/>> Acesso em 23 set 2018.

_____. **Step Up Programme Guide: 2011.** Disponível em: <<https://cisv.org/resources/programmes-resources/step-up/>> Acesso em 23 set 2018.

_____. **Village Programme Guide: 2011.** Disponível em: <<https://cisv.org/resources/programmes-resources/village/>> Acesso em 23 set 2018.

_____. **CISV Passport: 2009.** Disponível em: <[mycisv.cisv.org/assets/T-03_The_Passport_Translated_\(Portuguese_Brazil\)](http://mycisv.cisv.org/assets/T-03_The_Passport_Translated_(Portuguese_Brazil))> Acesso em 10 set. 2018.

_____. **IPP Programme Guide: 2011.** Disponível em: <<https://cisv.org/resources/programmes-resources/ipp/>> Acesso em 23 set 2018.

_____. **Mosaic Programme Guide: 2011.** Disponível em: <<https://cisv.org/resources/programmes-resources/mosaic/>> Acesso em 23 set 2018.

_____. **Seminar Programme Guide: 2011.** Disponível em: <<https://cisv.org/resources/programmes-resources/seminar-camp/>> Acesso em 23 set 2018.

_____. **T-02 - Big ED: 2018.** Disponível em: <mycisv.cisv.org/assets/T-02_Big_Education_Guide> Acesso em 10 set 2018.

_____. **Uma Educomunicação para Cidadania.** 2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em 03 fev. 2019.

_____. **Youth Meeting Programme Guide: 2011.** Disponível em: <<https://cisv.org/resources/programmes-resources/youth-meeting/>> Acesso em 23 set 2018.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica.** *Comunicação & Educação*, ano XIV, n.3, set./dez. 2009.

BARBERO, Jesús-Martin: **Desafios Culturais: da Comunicação à Educomunicação** In.:CITELLI, Adílson Odair e COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs) *Educomunicação uma*

nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

CISV International: <www.cisv.org> Acesso em 03 fev. 2019

CISV São Paulo: <www.cisv-sp.org.br> Acesso em 03 fev. 2019

CISV. **Annual review: 2010-2017**. Disponível em: <<https://cisv.org/about-us/annual-reviews/>> Acesso em 12 out. 2018.

CITELLI, Adílson Odair e COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs). **Educomunicação uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

COMPASS: <www.eycb.coe.int/compass/en/contents.html> Acesso em 03 fev. 2019

FIGARO, Roseli. **Políticas de comunicação e cultura: desafios do mundo do trabalho e das organizações do terceiro setor**. In: COSTA, Maria Cristina Castilho (Org). *Gestão da comunicação : terceiro setor, organizações não governamentais, responsabilidade social e novas formas de cidadania*. São Paulo: Altglas, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo : Atlas, 2008.

KOMPAZ: <kompaz.cisv.no> Acesso em 03 fev. 2019.

LAGO, Cláudia. **Antropologia e Jornalismo: uma questão de método**. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 48-66.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MELLO, Lucí Ferraz de. **Educomunicação e as práticas pedagógico-comunicacionais da**

avaliação formativa no ensino básico. 2016. *Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação)* - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MOMONDO: <<https://www.momondo.com.br/letsopenourworld/cisv>> Acesso em 03 fev. 2019.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SALVATIERRA, Eliany. *Ecossistema cognitivo e comunicativo.* 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/201.pdf>>. Acesso em 03 fev. 2019.

SILVA FILHO, Genésio Zeferino. *Educomunicação e sua metodologia: um estudo a partir de práticas de ONGs no Brasil.* *Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação)* - ECA/USP. São Paulo, 2004.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações.* *Comunicação & Educação*, n.19, p.12-24, dez. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira.. *Gestão Comunicativa e Educação: Caminhos da Educomunicação.* *Comunicação & Educação*, (23), 16-25. Jan/Abr, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i23p16-25>>. Acesso em 03 fev. 2019.

SØRUM, Rannveig Aulie. *CISV – Peace Education in a Can?- Allport's idea implemented in an educational context.* 2011. 72f. *Dissertação de Mestrado - Universidade de Tromsø*, Tromsø, 2011.

TUCKMAN, Bruce W. *Developmental Sequence in Small Groups.* 1965 Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/244933054/Tuckman-Bruce-W-1965-Developmental-Sequence-in-Small-Groups-Psychological-Bulletin-63-384-399>>. Acesso em 05 fev. 2019.

VENTURA, Magda Maria. *O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa.* Rev SOCERJ. n.20(5), p.383-386, set. 2007.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos.* 2.ed. Porto Alegre : Bookman, 2001.

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro de descrição e análise da ONG

Modelo Descritivo

- 1) Tipo de projeto/espelho educativo (formal, não formal, informal)
- 2) Descrição (história, contexto de surgimento, suporte financeiro)
- 3) Trata-se de um projeto particular de grupos ou é resultado de uma política pública?
- 4) Objetivos (o que se dispõe a fazer)
- 5) Público a que se destina (a quem busca atender)
- 6) Agentes envolvidos (equipes de trabalho)
- 7) Atividades e processos desenvolvidos (descreva as ações)
- 8) Existem mediadores das atividades? Como estes se identificam?
- 9) Como se dá a presença das tecnologias da comunicação no ambiente? Quais são?
- 10) Resultados alcançados (segundo organizadores e/ou envolvidos e/ou observação)

Modelo Analítico

- 1) Qual a relação do projeto/espelho com a Educomunicação? Se diz educomunicativo? Como ela descreve o “ser educomunicativo”?
- 2) Há uma preocupação com o empoderamento dos sujeitos envolvidos? Explique.
- 3) Há participação? De quem, de que tipo? Quais os mecanismos utilizados?
- 4) Existem conflitos entre os participantes? Quais? De que tipo?
- 5) Quais são os instrumentos de gestão dos conflitos?
- 6) Qual o lugar e a amplitude do diálogo enquanto procedimento de gestão?
- 7) Quais os agentes (internos ou externos) que interferem positivamente para criar um ambiente dialógico? De que forma?
- 8) Como se dá a avaliação das atividades? Avaliam-se os resultados ou também os processos? A avaliação é coletiva? Quais os instrumentos? Quem são os envolvidos?
- 9) Há protagonismo? De quem, de que tipo?
- 10) Como você define o ecossistema comunicativo deste espaço?

Diagnóstico final

Após responder o roteiro e acrescentando outros aspectos que considere importante e que não estejam contemplados, elabore um diagnóstico sobre o espaço educativo examinado, a partir das premissas educomunicativas.

Anexo 2: Questionário enviado para as atividades que não foi possível participar**Nome:****Idade:****Função no CISV:****Nome do evento:****Data:****Cronograma (schedule):****Qual era o comitê responsável?****Algum outro comitê ajudou na organização?****Quem eram os participantes?****Como foram preparadas as atividades?****Quais eram os objetivos esperados?****Quem eram os mediadores?****O que de fato ocorreu durante o evento/as atividades?****Houve algum resultado concreto?****Como foi a avaliação do evento ou das atividades?****Comentário:**

Anexo 3: Metas e Indicadores dos Programas do CISV

VILLAGE PROGRAMME GOALS AND INDICATORS

Develop intercultural competence	a) Show knowledge of own culture and reflect on it (K) b) Show knowledge of other cultures (K) c) Be open-minded about new ideas (A) d) Reflect on new knowledge about other cultures (S)
Contribute to an inclusive community	a) Interact with participants from other countries (A) b) Understand the importance of trust within friendship (K) c) Understand the benefits of including others (K) d) Contribute towards an inclusive community (A)
Demonstrate positive attitudes towards others	a) Respect other people's points of view (A) b) Respond positively to challenges (A) c) Demonstrate care for others (A) d) Respect the feelings and belongings of others (A)
Develop an interest in peace education	a) Participate in peace education activities (A) b) Reflect on learning from peace education activities (K) c) Share learning with other participants (S) d) Connect peace education to everyday life (S)

YOUTH MEETING PROGRAMME GOALS AND INDICATORS

<p>Explore the theme in the local and global context</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) Develop the theme (S) b) Participate in theme-related activities (A) c) Contribute and activity that shows understanding of the theme within own community (K) d) Understand the theme within in the local context (K)
<p>Increase awareness and critical thinking skills</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) Share personal perspective of the theme (K) b) Contribute to group discussions (A) c) Understand other perspectives (S)
<p>Develop the attitudes, skills, and knowledge necessary to work well within a group</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) Improve communication skills (S) b) Demonstrate initiative and the ability to follow (A) c) Plan activities (S)
<p>Generate interest for active global citizenship</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) Connect the theme to everyday life (S) b) Share critical thinking about an issue in own local community (S) c) Connect peace education to everyday life (K)

INTERCHANGE PROGRAMME GOALS AND INDICATORS

Increase awareness of different cultures	<ul style="list-style-type: none"> a) Compare daily routines and responsibilities with partner (K) b) Compare oneself with other participants (A) c) Share culture and customs with partner and host family (K) d) Learn about partner's culture (K)
Develop self-reliance while living with someone from another culture	<ul style="list-style-type: none"> a) Interact respectfully with partner and host family in different settings (A) b) Help to create a positive experience for all participants (A) c) Adapt to different situations (S) d) Work to resolve conflicts (S)
Learn how to work cooperatively and have a positive attitude towards others	<ul style="list-style-type: none"> a) Plan hosting activities or national night (S) b) Act respectfully towards others (A) c) Act inclusively in decision-making (S) d) Understand other people's customs and respect their points of view (K)
Act as a responsible active global citizen	<ul style="list-style-type: none"> a) Participate in group discussions and activities (S) b) Understand how CISV peace education is the basis of the group activities (K) c) Understand the impact of community service (K) d) Connect peace education to everyday life (K)

STEP UP PROGRAMME GOALS AND INDICATORS

Develop leadership skills	<ul style="list-style-type: none"> a) Express personal ideas to promote group development (S) b) Suggest solutions to conflicts (S) c) Facilitate a group (S) d) Take responsibility for an activity, project or problem (S)
Be willing to take initiative in own community	<ul style="list-style-type: none"> a) Identify issues and conflicts in own community (K) b) Show willingness to contribute to own community (A) c) Identify ways to use new knowledge in everyday life (S) d) Act inclusively towards others(S)
Increase awareness of the world	<ul style="list-style-type: none"> a) Increase knowledge of current social issues (K) b) Cooperate with people from different cultures (A) c) Understand and contribute to the development of the camp theme (A) d) Participate in discussions about the content area of the year (K)
Develop as a person	<ul style="list-style-type: none"> a) Show confidence in group discussions and activities (S) b) Plan and run activities (S) c) Work as part of a team (S) d) Listen to others' ideas and be open-minded to different points of view (A)

SEMINAR CAMP PROGRAMME GOALS AND INDICATORS

<p>Develop intercultural competence and self-awareness</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) Increase awareness of different cultural and personal perspectives (K) b) Compare own perspectives with others' perspectives (A) c) Reflect on challenges to own views during camp (S) d) Use cultural awareness in daily camp life (S)
<p>Develop leadership skills</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) Take initiative to build a strong camp community (S) b) Support the values and rules of the group (A) c) Plan and facilitate activities throughout the camp (S) d) Take initiative for the practical needs of the camp (A)
<p>Demonstrate positive attitudes towards others</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) Contribute to the daily running of the camp (A) b) Participate in activities (A) c) Respect other people's points of view (A) d) Work to resolve conflicts (S)
<p>Develop personal desire for active global citizenship</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) Share personal perspective on topics related to content areas (A) b) Discuss how to become active citizens (K) c) Understand the purpose of the like-minded organization activity (K) d) Connect peace education to everyday life (K)

IPP PROGRAMME GOALS AND INDICATORS

Develop personal desire for active global citizenship	<ul style="list-style-type: none"> a) Practice positive communication and active listening skills (S) b) Respect other people's points of view (A) c) Demonstrate self-awareness (K) d) Understand different leadership styles (K)
Actively participate in a diverse group	<ul style="list-style-type: none"> a) Work with others to achieve a goal (S) b) Manage conflicts (S) c) Facilitate a group discussion (S) d) Act inclusively in decision-making (S)
To explore the theme in the host country	<ul style="list-style-type: none"> a) Understand the theme through partner organization expertise (K) b) Contribute to the partner organization's work (S) c) Show understanding of community members' perspectives (K) d) Contribute to the theme (S)
To explore the theme in a global context	<ul style="list-style-type: none"> a) Connect theme to everyday life (S) b) Understand theme in diverse local and global contexts (K) c) Understand how the theme relates to own community (K) d) Facilitate an activity about the theme as it relates to own community (S)

MOSAIC PROGRAMME GOALS AND INDICATORS

Explore the theme in a local context	<ul style="list-style-type: none">a) Understand the theme and the project's relevance in local community (K)b) Understand opportunities and challenges in the community (K)c) Connect the theme to everyday life (S)
Think critically about problems and solutions	<ul style="list-style-type: none">a) Identify how own opinions on the theme relate to local and global perspectives (K)b) Be willing to challenge own perspectives and have them challenged by others (A)c) Use open dialogue solutions solve problems (S)
Develop personal desire for active citizenship	<ul style="list-style-type: none">a) Share new knowledge with others (S)b) Reflect on own strengths and potential (S)c) Be willing to take action to support a cause (A)
Be willing to take initiatives in own community	<ul style="list-style-type: none">a) Demonstrate empathy through actions (A)b) Identify and use available resources (S)c) Make an action plan (S)

Anexo 4: Exemplo de Plano de ação anual do Comitê de Faixa etária

Introdução

Esse formulário foi criado para auxiliar os líderes no processo de planejamento de atividades para qualquer faixa etária.

1. Conteúdo educacional

Áreas de conteúdo de educação pacífica: Faça um X na caixa que representa a principal área de conteúdo que será abordada nesta atividade. Caso a atividade não contemple nenhuma delas então não selecione nenhuma.

	Direitos Humanos		Diversidade
X	Resolução pacífica de conflitos		Desenvolvimento sustentável

Participantes: jovens 14-15

O que se espera com a atividade:

O que deve ser desenvolvido nos participantes? Conhecimentos, Habilidades e Atitudes

C: entender o conceito de “cidadania”; conhecer os direitos e deveres constitucionais do cidadão; conhecer e reconhecer linguagens artísticas, literárias que representem um apelo sócio-político.

H: desenvolver o autoconhecimento e seu papel na comunidade; capacidade de discernimento entre ser individual ou individualista; capacidade de colocar suas idéias para o grupo; desenvolver a capacidade de resolução de conflitos pacificamente; capacidade de desenvolver alguma linguagem artística ou literária que comunique o desejo de mudança ou desconforto com o meio sócio/político; desenvolver um projeto final de impacto social.

A: se envolver com as atividades propostas; estar aberto para as investigações internas; respeitar o jovens, líderes e comitê em suas individualidades; participar e aproveitar todas as atividades ao longo do ano CISViano;

Inspiração ou plano de fundo:

Uma pintura, música, foto, filme, livro, artigo etc... que pode servir ou serviu de inspiração para o planejamento da atividade?

<https://kompaz.cisv.no/2015/09/25/leaving-on-a-jet-plane/>

<https://identidadesdadanca.wordpress.com/a-danca-e-a-politica/>
<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/a-ditadura-militar-no-brasil-atraves-musica-popular-.htm>

<https://www.ecycle.com.br/component/content/article/35-atitude/3971-conheca-o-trabalho-de-10-artistas-plasticos-que-se-dedicam-ao-ativismo-ambiental-em-suas-obras-arte-sustentabilidade-contemporanea-instalacoes-.html>

Características da faixa etária:

Quais são as necessidades, conflitos, expectativas e experiência de CISV que essa faixa etária tem?

O “Eu Cidadão” no tema de “Resolução Pacífica de Conflitos”

Os jovens brasileiros com até 16 anos não são cidadãos, são nacionais. A cidadania é adquirida no momento que optam por exercer o direito político de votar, facultativo entre os 16 e 18 anos. Aos 18 anos alcançam a capacidade eleitoral plena, com a possibilidade de poder concorrer a cargo político, além do exercício do voto.

O voto é uma das ferramentas dispostas ao cidadão, ao lado do referendo, iniciativa de leis, plebiscito, para o exercício do modelo de representação democrática adotado no Brasil. O modelo brasileiro de democracia também combina a forma participativa. É por meio dos Conselhos de direitos, conselhos tutelares, audiências públicas, orçamentos participativos, por exemplo, que o cidadão exerce direito político e pode, em seu círculo de participação, colaborar com a construção democrática.

Tais mecanismos foram trazidos nas Constituições brasileiras e ampliados na última, de 1988, conhecida por “Constituição cidadã”, para permitir maior participação coletiva.

Eles também podem ser vistos como meios para construção de caminhos voltados à pacificação de conflitos gerados por pontos de vista ou interesses diversos. Afinal, quem diz qual solução será a melhor para a coletividade, dentre diversos e tantos assuntos de interesse comum? Ou podem ser vistos como substitutivos eficientes para minimizar e *resolver posturas antagônicas*, sob o crivo da maioria de opinião.

Se vivemos em uma era individualista, em que o compartilhar instantes de protagonismo individual em redes sociais é imediato, a construção da democracia é lenta e coletiva. Para isso, falar em cidadania deve começar antes da faixa etária dos jovens de 16 anos.

Indivíduo é identidade e não ser individual. Exemplos como a lei de proibição do uso do fumo, de restrição de ruídos, ou de estabelecimento de rodízio de veículos, representam bem a contribuição de restrição individual em prol de âmbitos coletivos.

O “Eu cidadão” é uma faceta dos seres sociáveis, que indica a apreensão de noções de autogovernança (ideias, interesses próprios) equilibrada com o interesse do coletivo. Não há consciência de cidadania, se os interesses pessoais, com relevância ou repercussão ampliada, não estiverem integrados com o interesse de todos. A cidadania traz capacidade de convivência.

O CISV é uma associação apartidária e o Comitê 14-15 evidentemente não se propõe a falar em partidos ou ideologia. A proposta é trabalhar postulados ligados à democracia, pacificadores de conflitos sociais, que permitam aos jovens continuar a prática dos valores CISVianos iniciados em temporadas anteriores, agora com contexto mais ampliado. Isso traz a capacidade de convivência e atenua campos em que os conflitos podem emergir com facilidade.

A vida em família, na escola, no CISV, em vários espaços de vivência em comunidade propõem deliberação e resolução conjunta de problemas. Futuramente as tomadas de decisões virão em espaços da cidadania mais complexos, mas com a mesma demanda de capacidades individuais.

O respeito às diferenças de opiniões, a capacidade de ouvir, de trabalhar em um espaço coletivo, de interagir em grupo, de se comunicar, de manifestar o pensamento de forma conscientemente mais livre e a noção de pertencimento a grupos de diversas dimensões são os alcances que o comitê se desafia e propõe. Somos livres quando cuidamos além da vida privada, da vida coletiva. Um passo antes do conflito.

Evidências:

Como você saberá que a atividade atendeu o que se esperava? A evidência deve ser correspondente aos indicadores (Conhecimentos, Habilidades e Atitudes) selecionados para essa atividade.

C: compreender e saber citar o que é cidadania, ser cidadão e, pelo menos, um homem e uma mulher que tenha desenvolvido alguma obra literária ou artística com um viés sócio/político.

S: o desenvolvimento de um projeto coletivo de ação social que proponha a resolução de algum conflito, pacificamente, e através da literatura ou das artes (manifesto, obra teatral, revista em quadrinhos, dança, música, um romance, poemas etc).

A: mensurando: o grau de respeito às opiniões adversas, o grau de envolvimento com as atividades; o grau de entrega às experiências práticas de autoconhecimento.



Anexo 5: Gabarito de Atividade

Introdução

Esse formulário foi criado para auxiliar os líderes no processo de planejamento de atividades para qualquer faixa etária.

1. Conteúdo educacional

Áreas de conteúdo de educação pacífica: Faça um X na caixa que representa a principal área de conteúdo que será abordada nesta atividade. Caso a atividade não contemple nenhuma delas então não selecione nenhuma.

	Direitos Humanos		Diversidade
X	Resolução pacífica de conflitos		Desenvolvimento sustentável

Tipo:

Participantes:

O que se espera com a atividade:

O que deve ser desenvolvido nos participantes? Conhecimentos, Habilidades e Atitudes

C:

H:

A:

Inspiração ou plano de fundo:

Uma pintura, música, foto, filme, livro, artigo etc... que pode servir ou serviu de inspiração para o planejamento da atividade?

Características da faixa etária:

Quais são as necessidades, conflitos, expectativas e experiência de CISV que essa faixa etária tem?

Evidências:

Como você saberá que a atividade atendeu o que se esperava? A evidência deve ser correspondente aos indicadores (Conhecimentos, Habilidades e Atitudes) selecionados para essa atividade.

C:

H:

A:

2. *Descrição da atividade utilizando o ciclo de aprendizado de Kolb*

Explique como a atividade vai acontecer desde o início até o fim. Certifique-se de incluir as seguintes coisas.

Lembre-se de indicar o tempo de cada etapa da atividade.

FAZER

experiência

concreta

Como a atividade vai proporcionar uma experiência concreta onde os participantes podem aprender a partir das situações que vivenciam.

(a) como a atividade é introduzida em relação ao tema.

(b) como a estrutura da atividade é explicada, incluindo tamanhos de grupos, instruções e o que os participantes irão fazer.

(c) qual é o papel dos líderes durante a atividade. Como eles devem coletar evidências.

REFLETIR - observação reflexiva

Quais perguntas ou momentos da atividade podem ajudar os participantes a refletir sobre a experiência que tiveram.

GENERALIZAR - conceitualização abstrata

Quais perguntas ou momentos da atividade podem ajudar os participantes a pensar sobre o que eles aprenderam e colocar a experiência deles em um contexto mais amplo além da atividade.

APLICAR - experimentação ativa

Quais perguntas ou momentos da atividade devem encorajar os participantes a pensar em como eles podem aplicar o que aprenderam em outros contextos ou situações além da atividade.

3. Matérias, ambientação e preparação pré atividade.

Materiais necessários para aplicar a atividade: Liste os materiais e quantidades necessários para aplicar a atividade.

Funções dos membros do planning: Liste a responsabilidade dos membros dos grupos de planejamento. controle do tempo, preparação dos materiais, comunicação entre os membros durante a atividade etc.

Dicas para outros facilitadores: caso ache importante deixar alguma dica.

4. Avaliação da atividade

Preparação: Como foi o processo de planejamento da atividade. Reuniões, participantes, entendimento do tema, preparação dos materiais, definições de funções.

Durante: A atividade foi apresentada de forma clara aos demais líderes? Houve alguma situação não esperada? Conseguiram contornar os imprevistos?

Resultados atingidos: A atividade atingiu os resultados esperados? Estava adequada à faixa etária? Alguma lição aprendida caso queira repetir a atividade ou uma atividade parecida?

Anexo 6: Atividade com o tema feminicídio

Introdução

Esse formulário foi criado para auxiliar os líderes no processo de planejamento de atividades para qualquer faixa etária.

2. Conteúdo educacional

Áreas de conteúdo de educação pacífica: Faça um X na caixa que representa a principal área de conteúdo que será abordada nesta atividade. Caso a atividade não conte com nenhuma das abaixo, não selecione nenhuma.

	Direitos Humanos		Diversidade
X	Resolução pacífica de conflitos		Desenvolvimento sustentável

Tipo: DEBATE

Participantes: 14-15 anos

O que se espera com a atividade:

O que deve ser desenvolvido nos participantes? Conhecimentos, Habilidades e Atitudes

C: conhecer diferentes formas de atuar na sociedade por meio de grupos (ONGs e voluntariado, coletivos, partidos) e o que os diferencia.

H: habilidades: analisar de forma crítica qual a melhor forma de atuar na sociedade dependendo do objetivo que se procura alcançar, reconhecer a importância das diferentes formas de atuação através de grupos, analisar criticamente a questão da representatividade de minorias através de grupos não compostos por elas próprias (Exemplo: posso lutar por mulheres mesmo sendo um homem? Posso lutar por pobres sendo rico?)

A: questionar por que participam ou não de um grupo, posicionar-se criticamente em relação à forma como atua em grupos.

Inspiração ou plano de fundo:

Uma pintura, música, foto, filme, livro, artigo etc... que pode servir ou serviu de inspiração para o planejamento da atividade?

O que é um partido político? <https://www.todapolitica.com/partidos-politicos/>

- Você deve se filiar a um partido político?

<https://www.youtube.com/watch?v=Bo5LrNKmvLw>

- Trabalho voluntário em escola:

<https://educacao.estadao.com.br/blogs/colegio-pentagono/a-importancia-do-voluntariado-na-formacao-do-individuo/>

- Coletivo em escolas:

<https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,como-os-coletivos-feministas-mudam-colegios-de-elite,70001726071>

Características da faixa etária:

Quais são as necessidades, conflitos, expectativas e experiência de CISV que essa faixa etária tem?

A faixa etária, no geral, tem contato com o tema da atividade em sua vida cotidiana, no entanto, não tem alguns conceitos abordados consolidados. É interessante que se esclareça para os líderes que aplicarão a atividade tais conceitos, para garantir que dúvidas possam ser retiradas ao longo da atividade. Um conflito que pode aparecer é a forma de atuação do próprio CISV e acreditamos que isso pode ser muito enriquecedor, já que é algo que todos os jovens apresentam em comum.

Evidencias:

Como você saberá que a atividade atendeu o que se esperava? A evidência deve ser correspondente aos indicadores (Conhecimentos, Habilidades e Atitudes) selecionados para essa atividade.

C: mostrar, durante a atividade, que entende a diferença entre um coletivo e um partido, por exemplo.

H: conseguir explicar porque participaria de um determinado grupo de atuação e não outro, reconhecer diferentes grupos que atuam de forma importante para a sociedade e quais são suas ações.

A: mostrar-se disposto a colaborar ou participar de grupos como ONGs e coletivos, explicar porque participa ou não de determinado grupo.

3. Descrição da atividade utilizando o ciclo de aprendizado de Kolb

Explique como a atividade vai acontecer desde o início até o fim. Certifique-se de incluir as seguintes coisas.

Lembre-se de indicar o tempo de cada etapa da atividade.

FAZER**experiência****concreta**

Como a atividade vai proporcionar uma experiência concreta onde os participantes podem aprender a partir das situações que vivenciam.

(a) como a atividade é introduzida em relação ao tema.

Um teatro com uma peça que acaba em morte podendo ser enxergada de diversas perspectivas, de acordo com estereótipos e/ou atitudes dos personagens, onde quem está assistindo terá que decidir de quem é a culpa pela morte.

(b) como a estrutura da atividade é explicada, incluindo tamanhos de grupos, instruções e o que os participantes irão fazer.

1 - energizer, em seguida pediremos para que se sentem para assistir a peça (o plano é de uma única apresentação mas se a quantidade de participantes exigir faremos outra apresentação em paralelo em outro local), em seguida pedimos para cada participante formar uma opinião sobre o culpado pela morte na peça, em seguida mandaremos eles se juntarem com outros participantes e reformularem as decisões, e repetir este processo até termos grandes grupos que serão formados a partir de algum mingle simples.

(c) qual é o papel dos líderes durante a atividade. Como eles devem coletar evidências.

Ajudar a manter a atenção dos participantes na apresentação, observar e auxiliar durante a fase da formação de opiniões em grupos, com a medida que os grupos forem crescendo a presença de um líder pode vir a ser necessária para facilitar a discussão e que mantenha a ordem no grupo, para logo após facilitar o debriefing.

REFLETIR - observação reflexiva

Quais perguntas ou momentos da atividade podem ajudar os participantes a refletir sobre a experiência que tiveram.

Quando serem “forçados” a reformular suas opiniões que provavelmente foram tomadas com bases em atitudes superficiais ou induzidas por estereótipos.

GENERALIZAR - conceitualização abstrata

Quais perguntas ou momentos da atividade podem ajudar os participantes a pensar sobre o que eles aprenderam e colocar a experiência deles em um contexto mais amplo além da atividade.

Durante o debriefing quando tentaremos facilitar para que chegemos à própria questão só que em proporções maiores.

APLICAR - experimentação ativa

Quais perguntas ou momentos da atividade devem encorajar os participantes a pensar em como eles podem aplicar o que aprenderam em outros contextos ou situações além da atividade.

Durante as trocas de opiniões entre os participantes, onde outros participantes trarão a situação de outra perspectiva, provavelmente de outro ponto de vista que não faça parte da realidade do outro participante.

4. Matérias, ambientação e preparação pré atividade.

Materiais necessários para aplicar a atividade: Liste os materiais e quantidades necessários para aplicar a atividade.

- Cartelinhas com os nomes de cada personagem da peça;
- Caneta/Canetinha o máximo possível, de preferência 1 por jovem;

Funções dos membros do planning: Liste a responsabilidade dos membros dos grupos de planejamento. controle do tempo, preparação dos materiais, comunicação entre os membros durante a atividade etc.

- Time Keeping;
- Apresentação de peça
- Auxiliar líderes e participantes com qualquer dúvida e colaborar para que o objetivo da atividade seja alcançado .